

# Ensaaios em Bioética e Ética 1927-1947<sup>≠,a,b</sup>

*Essays in Bioethics and Ethics 1927-1947*

*Ensayos sobre la Bioética y la Ética 1927-1947*

Fritz Jahr\*

**RESUMO:** A presente produção congrega coletânea de ensaios escritos por Fritz Jahr sobre a Bioética e a Ética, no período de 1927 a 1947, seguido de um texto Pós-escrito por Hans-Martin Sass. Fritz Jahr (1895-1953), foi pastor protestante, teólogo, filósofo e educador alemão nascido em *Halle an der Saale*. O conceito de Bioética, sugerido por Jahr, tem um sentido mais ampliado da relação moral entre o ser humano e os demais seres vivos, humanos e não-humanos. Desenvolvido como “imperativo bioético”, em substituição ao imperativo categórico formal de Kant, Jahr apontou a uma ética que diz respeito aos animais de experimentação, a necessária deliberação quanto às intenções da pesquisa científica e aos diversos aspectos sobre a difusão da ciência entre a população em geral, para torná-la participante.

**PALABRAS-CHAVE:** Bioética. Ética. Bioética - história.

**ABSTRACT:** This production brings a collection of essays on Bioethics and Ethics, written by Fritz Jahr, in the period 1927 to 1947, followed by a post-text written by Hans-Martin Sass. Fritz Jahr was a protestant pastor, theologian, philosopher, and educator born in Halle an der Saale, Germany. The concept suggested by Jahr has a wider sense of moral relationship between humans and other living beings, human and nonhuman. Developed as “bioethical imperative” replacing the “formal imperative” of Kant, Jahr pointed to an ethics concerning the experimental animals, a necessary deliberation as to the intentions of the various aspects of scientific research and the diffusion of science among the general population, order to make participant.

**KEYWORDS:** Bioethics. Ethics. Bioethics - history.

**RESUMEN:** Esta producción reúne una colección de ensayos de Fritz Jahr sobre la Bioética y la Ética, en el período de 1927 a 1947, seguido por un texto posdata de Hans-Martin Sass. Fritz Jahr (1895-1953) fue un pastor protestante, teólogo, filósofo y educador alemán nacido en *Halle an der Saale*. El concepto sugerido por Jahr presenta una acepción más amplia de relación moral entre el ser humano y el resto de los seres vivos, humanos y no humanos. Desarrollado como un “imperativo bioético”, en substitución del “imperativo formal” de Kant, Jahr apuntó a una ética sobre los animales de experimentación, una necesaria deliberación en cuanto a las intenciones de la investigación científica y a aspectos diversos sobre la difusión de la ciencia entre la población general, a fin de hacerla partícipe.

**PALABRAS-LLAVE:** Bioética. Ética. Bioética - historia.

<sup>≠</sup> Texto traduzido do alemão para o inglês por Irene M. Millera e Hans-Martin Sass. Pós-Escrito por Hans-Martin Sass e editado em maio de 2011. A tradução para o português foi realizada por ADL-traduições e a licença para publicação neste periódico foi concedida por Zentrum für Medizinische Ethik e pelos organizadores Prof. Dr. Phil. Hans-Martin Sass, Prof. Dr. Med. Dr. Phil. Jochen Vollmann e Prof. Dr. Med. Michael Zenz. Site: <http://www.medizinethik-bochum.de>. Email: [Med.Ethics@ruhr-uni-bochum.de](mailto:Med.Ethics@ruhr-uni-bochum.de)

\* (1895-1953) foi pastor protestante, teólogo, filósofo e educador alemão nascido em Halle an der Saale. Em 1927, utilizou pela primeira vez a palavra Bioética (bio + ethik).

a. Irene M. Miller, que traduziu os ensaios 2, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, é violoncelista e profissional da área de Medicina; após o término de sua residência cirúrgica na Universidade de Yale, ela trabalhou nos Estados Unidos, China e África.

b. Hans-Martin Sass, que traduziu os ensaios 1, 3, 4, 6, 7, 9, 16, é Professor Emérito de Filosofia da Universidade de Ruhr, Bochum, e Bolsista Sênior de Pesquisa do Instituto Kennedy de Ética da Universidade de Georgetown, Washington, DC.

## ÍNDICE

1. Bioética, 1927 .....	243
2. A Morte e os Animais, 1928 .....	245
3. Proteção aos Animais e Ética, 1928 .....	247
4. Ética Social e Sexual na Imprensa Diária, 1928 .....	249
5. Formas de Ética Sexual, 1928 .....	250
6. Egoísmo e Altruísmo: Oposição e Aliança, 1929 .....	252
7. Preceito de Caráter ou Liberdade de Pensamento? 1930 .....	254
8. Nossas Dúvidas sobre Deus, 1933 .....	255
9. Três Estudos sobre o Quinto Mandamento, 1934.....	256
10. Fé no Futuro e Ética no Cristianismo, 1934 .....	259
11. A Importância Ético-Social do Domingo, 1934.....	259
12. Dúvidas sobre Jesus? 1934.....	261
13. Reflexões Éticas sobre as Controvérsias dentro da Igreja, 1935.....	262
14. Fé e Obras: Oposição e Aliança, 1935 .....	263
15. Três Etapas na Vida, 1938 .....	265
16. O Domingo, Feriado Secular, 1947 .....	267
FONTES REFERENCIAIS DE TRADUÇÃO .....	268
PÓS-ESCRITO .....	269

## 1. BIOÉTICA, 1927

### Reverendo as relações éticas dos seres humanos com os animais e plantas

A distinção exata entre o animal e o ser humano [*Mensch*], que foi predominante em nossa cultura europeia até o fim do século XVIII, não pode ser mais defendida. Até a Revolução Francesa, o coração do europeu lutava por uma unidade de conhecimento religioso, filosófico e científico; no entanto, essa unidade teve de ser abandonada sob a pressão por se obter mais informações.

As ciências naturais modernas sempre terão o papel de apresentar um estudo imparcial sobre o mundo [*Welt-geschehen*]. Não buscaríamos a verdade hoje se abrissemos mão dos resultados dos experimentos com animais, exames de sangue, etc. Por outro lado, não podemos negar

que esses triunfos científicos do espírito humano infringiram precisamente a posição dominante do indivíduo no mundo em geral. A filosofia, que antes ditava os principais ideais para as ciências naturais, agora tem de elaborar seus sistemas com base nos conhecimentos específicos dessas ciências – e foi somente uma interpretação poético-filosófica [*dichterphilosophische*] do *insight* de Darwin quando Nietzsche considerou que os seres humanos estavam no estágio um pouco inferior em relação ao estágio superior da evolução, como uma ‘corda estendida entre o animal e o super-homem [*Übermensch*]’.

O que resultou dessa revolução? Em primeiro lugar, a equiparação fundamental do ser humano e do animal como objeto da psicologia. Hoje, a psicologia não se restringe aos seres humanos, mas aplica também os mesmos métodos para os animais; e, segundo pesquisas anatômico-zoológicas comparativas, foram feitos cotejos instruti-

vos entre a alma humana e a alma do animal. É claro que até os primórdios da psicologia das plantas são evidentes (os representantes mais notáveis são G. Th. Fechner no passado, R. H. France, Ad. Wagner e o indiano Bose hoje) então a pesquisa moderna na psicologia abrange todos os seres vivos em estudo. Dadas essas circunstâncias, isso é somente lógico quando R. Eisler fala a respeito de Biopsicologia (estudo da alma de todos os seres vivos).

Por meio da Biopsicologia começa-se a construir elementos para a Bioética, como, por exemplo, a assunção de obrigações morais frente os seres humanos e todas as formas de vida. Na verdade, a Bioética não é só uma descoberta dos tempos modernos. Um bom exemplo do passado é a figura de São Francisco de Assis (1182-1226) com seu grande amor em relação aos animais e compaixão por todas as formas de vida, séculos antes do romanticismo de Rousseau por toda a natureza.

Quando a unidade da ideologia europeia se desmembrou no fim do período barroco, a vida intelectual europeia foi, pela primeira vez, capaz de receber mundos diferentes de pensamento [*Gedankenwelten*], sem preconceitos. Já a natureza abrangente de Herder – talvez a mais sensível naqueles dias que estavam por vir – esperava que os seres humanos, com base na imagem de uma divindade abarcadora, se projetassem em cada criatura e entendessem com ela o que necessita. Essa linha de pensamento já nos remete à filosofia indiana que, por meio da Inglaterra, tinha acabado de ser descoberta. Todavia, apenas durante o período do Romantismo, a Índia influenciou, de fato, a vida intelectual europeia e, sobretudo, a Alemanha, sua província mais importante. A doutrina da reencarnação, desenvolvida na Índia, influiu na linha de pensamento das faculdades de filosofia daquele país, principalmente a faculdade de Sankya, de onde adveio o ensino da yoga que trouxe à tona as consequências mais rigorosas desses processos de pensamento. Sob hipótese alguma, a pessoa que se arrependeu de ter praticado a yoga [*Jogabüßer*] pode viver às custas das criaturas; acima de tudo, ela não deve, de forma alguma, matar qualquer animal, e, somente em determinados ambientes, pode saborear verduras. Ela tem de usar um véu sobre a boca para não sentir o ar de até um pequeno ser vivo; pela mesma razão, ela tem de filtrar água potável e não deve tomar banho. O desejo de não machucar um ser vivo no processo de autopreservação leva até alguns indianos arrependidos a comerem esturme de cavalo. Se Buda for mencionado nesse contexto,

deve-se salientar que, especialmente, esse líder religioso recusou tal autoflagelação fanática da faculdade de yoga. Buda proibiu alimentos de origem animal, mas permite, sem restrições, alimentos de origem vegetal. A extensão de quanto o próprio Buda e suas doutrinas acreditavam plenamente na reencarnação da alma é muito bem demonstrada para nós, europeus, pela coleção de histórias de Jatakas atribuídas a Buda e que narram os primeiros anos de vida dele. Buda afirma que foi um ser humano antes, mas também se lembra de suas vidas passadas como elefante, gazela, caranguejo, etc. Até mais bonitas do que em São Francisco de Assis, essas narrativas expressam a visão de que a essência do ser humano está relacionada a todas as criaturas.

Essas linhas de pensamento geraram pontos de vista semelhantes na vida intelectual europeia, mesmo que não fosse em uma versão tão precisa. O teólogo Schleiermacher (1768-1834) declarou que era imoral destruir a vida e formação [*Leben und Gestalt*] se não houvesse motivo cabível para tal. De forma similar, o filósofo Krause, contemporâneo de Schleiermacher, pede que se respeite cada ser vivo e não o destrua sem razões. Isso se deve ao fato de que plantas, animais e seres humanos têm direitos parecidos, mas não são iguais, dependendo dos requisitos para atingir seu destino específico. O filósofo Schopenhauer, que fundamentou a importância especial da sua ética com base no sentimento de compaixão em relação aos animais, aludiu de maneira clara ao mundo intelectual indiano [*Gedankenwelt*]. Por intermédio de Richard Wagner, que foi fortemente influenciado por Schopenhauer e um amante compassivo dos animais e defensor da proteção desses, tais pontos de vista se tornaram um valor comum para um grupo mais abrangente de pessoas.

Portanto, no tocante aos animais, tal regra foi evidente, pelo menos no que se trata de tortura sem necessidade. Com as plantas, é diferente. Para alguns, a princípio, parece irracional ter obrigações éticas com elas. Já o apóstolo [*Apostle*] Paulo, entretanto, norteou nossa compaixão em relação aos animais e plantas. São comparadas às interpretações sentimentais iluminadas [*verklärt stimungs-vollen*] no 3º ato de ‘Parsifal’ de Richard Wagner. Na devoção piedosa, ao menos na Sexta-Feira da Paixão, as pessoas evitam machucar as hastes e flores dos campos ao andar com mais cuidado. Encontramos também visões semelhantes nos pontos de vista sobre a ética com as plantas, abordados por um filósofo sensato, tal como Eduard von

Hartmann, que faleceu há 20 anos. Em um artigo acerca do luxo das flores, ele descreve uma flor cortada: 'É um organismo morto, mas somente suas cores não foram destruídas até agora. Ainda existe uma cabeça ali, separada do tronco. Quando vejo a rosa em um copo de água ou amarrada em um buquê, não posso lutar contra o pensamento desagradável de que o ser humano matou uma flor com o único intuito de apreciá-la com os olhos – insensíveis! – para não sentir a morte inatural sob o aspecto da vida'.

Naturalmente, a maioria das pessoas não é tão sensível quanto Ed. von Hartmann. Todos, no entanto, sabem muito bem que as plantas são seres vivos e que cortar flores as machuca; o pensamento de que a flor poderia sentir dor está bem distante. Não assimilamos o conceito de 'alma da planta' até então. Além disso, sabemos que as flores também morrem e secam enquanto estão na planta e, assim, não há discordância quanto a cortar flores, principalmente quando são cultivadas para essa finalidade específica.

Dessa forma, começamos de um ponto de vista bem diferente dos fanáticos indianos que não querem machucar nenhum ser vivo. Ademais, nossas regulamentações previstas em lei e pela polícia protegem plantas específicas e flores de determinadas áreas (tais como as plantas nos Alpes), e se baseiam em suposições totalmente distintas. A polícia estadual [*Polizeistaat*] pretende impedir a extinção dessas plantas em tais áreas para que outras pessoas as admirem no futuro. Quando houver uma grande quantidade de plantas, o estado não intervém para evitar que acabem.

Nosso conceito de proteção aos animais também se apoia em um fundamento bem diferente da atitude dos indianos. Quando lemos no romance 'Holy Hate' [*Der heilige Hass*] de Richard Voss que um garoto de Rodyia, integrante de uma casta desprezada, não quer matar uma cobra porque 'é nossa irmã', não aceitamos essa linha de pensamento; na verdade, acreditamos que seja a nossa tarefa matar animais perigosos, se pudermos. Os animais criados em fazendas são mortos pelo abatedor e, a presa indefesa, pelo caçador, pois, comer carne, que, em nossas áreas, alguns não desejam ficar sem, enquanto comida vegetariana está amplamente disponível nos países tropicais. Assim, nossa proteção aos animais tem um aspecto utilitário que é desconsiderado pelos indianos de forma ousada, ao passo que nos contentamos em evitar sofrimentos

desnecessários. Infelizmente, as regulamentações legais contra a prevenção ou punição dessas crueldades ainda não estão sólidas de modo suficiente em todos os países civilizados [*Kulturländern*]. Contudo, estamos no caminho do progresso e a proteção aos animais recebe cada vez mais suporte nos círculos mais abrangentes. Nenhum ser humano decente [*anständiger Mensch*] aceitará, sem críticas, que alguém rude, leviano e inconsequente [*Flege*] tire a parte superior das flores com uma vara enquanto caminha ou que crianças arranquem as flores apenas para jogá-las fora depois de alguns passos. Nossa autodidática já teve avanços consideráveis nesse sentido, mas devemos ir além para que a regra norteante de nossas ações seja o imperativo bioético: '*Respeite cada ser vivo por questão de princípios e trate-o, se possível, como tal!*'

## 2. A MORTE E OS ANIMAIS, 1928

### Contemplando o 5º Mandamento

Nós, cristãos, somos avisados pelo 5º mandamento: 'Não matarás'. Matar não se refere sempre a algo vivo? Como esse mandamento não proíbe expressamente o ato de matar só os seres humanos, não devemos também aplicá-lo para os outros seres vivos, sobretudo os animais? Talvez o pintor e artista Fidus estivesse no caminho certo em sua tela chamada 'Você não deve matar' [*Du sollst nicht töten*]: uma criança que demonstrava inocência e pureza estende seus braços protetores na frente de um veado para salvá-lo da bala mortal do caçador!

Os animais estão tão perto de nós que devemos reconhecê-los e tratá-los como 'vizinhos'? Existem, sem dúvidas, diferenças consideráveis entre o homem e os animais, e as ciências modernas admitem o fato. No entanto, isso não evita que a biologia e as ciências da vida utilizem tendências relacionadas na aplicação prática, visto que muitas também foram reconhecidas por Darwin. Vamos mencionar aqui: experimentos com animais, testes de sangue, pesquisa de proteínas no sangue, transplantes de tecido animal no homem, entre outros. Em um plano espiritual, surgiram também paralelos interessantes entre o homem e o animal para que ambos compartilhassem a 'proximidade' psicológica e fisiológica [*nahestehen*].

Não devemos achar esse aspecto preocupante; pelo contrário, devemos nos orgulhar de que as descobertas dos seres humanos aventureiros nos tempos modernos já

constam na parte mais importante das Sagradas Escrituras. Gênesis, o primeiro livro de Moisés, fala sobre a ‘alma’ dos animais (Gen 9:16). O pregador Salomão também pressupõe que eles têm alma, de forma semelhante aos seres humanos, e pergunta de modo duvidoso:

‘Como é que alguém pode ter a certeza de que o sopro de vida do ser humano vai para cima e que o sopro de vida do animal desce para a terra?’ (Ec 3:21)

Em qualquer caso, todas as criaturas, quer o homem ou o animal, anseiam pelo nascimento mesmo tendo que enfrentar a morte e a transição, conforme o apóstolo Paulo ensinou na epístola aos Romanos (Ro 8:18-23), um indício de que já foi reconhecida uma antiga semelhança entre o homem e o animal. Não é de se admirar que, posteriormente, Franz von Assisi chamou todas as criaturas vivas de irmãos e irmãs e Herder via os animais como ‘os irmãos mais velhos do homem’. Se assim for, pode-se entender que, quando Deus fez o pacto com a humanidade, Ele procedeu da mesma forma em relação aos animais, segundo o 1º livro de Moisés (Gen 9:9-10. 17) e Óseas (Os 2:18-20). Mesmo no reino vindouro, haverá um lugar para eles, de acordo com Isaías:

‘O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco (Is 11:6-8)’.

Nas conversas à mesa, ninguém menos importante do que o próprio Lutero compartilhou a crença de aceitar os animais no reino vindouro.

Dado que as ciências naturais e as Sagradas Escrituras mantêm os animais nesse alto patamar, observa-se que nós, Cristãos, temos obrigações éticas com eles. Devemos aplicar o 5º mandamento aos animais. Schleiermacher, o mais notável teólogo dos tempos modernos, considerou que era imoral destruir a vida e formação estabelecidas, incluindo os animais, sem razões cabíveis.

Entretanto, parece utópico cumprir o 5º mandamento em relação aos animais. Abatê-los e matá-los são atos inevitáveis, mesmo se o propósito for apenas a necessidade de suprir uma população em crescimento. A luta pela vida [*Kampf ums Dasein*] torna isso indispensável.

Embora venhamos a nos arrepender muito de tal atitude, esse mesmo princípio também se aplica aos comportamentos éticos com o nosso irmão. Em toda a nossa vida e atividades, seja na área de política e economia, trabalho, seminários e esportes, os objetivos básicos não são de forma alguma principalmente norteados pelo amor. São norteados pela luta com algum tipo de concorrentes nossos. Não temos consciência desse aspecto na maior parte das vezes, desde que a luta não viole os limites legais. Nessa luta pela vida, nós, seres humanos, usamos o poder humano, a saúde humana e a vida humana de forma deliberada e ciente em tempos de guerra e de ‘paz’, tais como no desenvolvimento cultural, sobretudo em alguns setores da indústria. Apesar desse cenário, ninguém considera o 5º mandamento utópico. Como nossa postura com os animais – segundo a luta pela vida – não vai basicamente além da nossa postura com o homem, esse mandamento pode e deve ser válido aqui também como ideal e ponto de referência de nossa controvérsia moral.

Todavia, qual efeito esse ideal tem na realidade, dadas as restrições mencionadas para salvar as vidas dos animais? Schleiermacher pede para que se mate os animais apenas quando houver um motivo cabível. Além disso, as leis de proteção aos animais e as sociedades nos dá diretrizes adicionais de como sermos ‘piedosos com os animais’.

O conselho para salvar a vida dos animais é totalmente válido, sem levar em conta que é para o nosso benefício, pois, em geral, a ética não faz e não pode fazer essas perguntas. Richard Wagner e Schopenhauer salientam esse ponto em especial: ‘Todos que se indignam ao ver um animal torturado são tão tocados apenas pela compaixão; e quem se unir às outras pessoas para proteger os animais é somente motivado pela compaixão e pela empatia com a natureza indiferente e que desconsidera qualquer ganho calculado’.

Em vista desse princípio, é interessante e útil levantar as seguintes questões: ‘Quais os efeitos que esta expansão de nossas obrigações éticas – além do homem – com os animais terá sobre o relacionamento com nosso irmão? Devemos temer que a atenção às necessidades de nosso irmão poderia diminuir por causa da obrigação com os animais? Ocorre exatamente o contrário: quando nutrimos um sentimento de carinho com os animais, não vamos conter a compaixão e a ajuda para com o sofrimento da humanidade. Ele, que tem um amor tão grande que transcende a esfera humana e pode enxergar a santidade

na mais pobre criatura, também verá e respeitará muito a natureza divina dos irmãos mais infelizes e em condição inferior e não se limitará a determinadas classes sociais, grupos de interesse ou partidos. Por outro lado, a crueldade com os animais é um ato rude que também seria perigoso para o ambiente humano. Muitos pensadores renomados atestam esse fato e o filósofo Kant também afirma que a compaixão e a piedade com os animais são uma obrigação que o homem deve a si mesmo.

Acima de tudo, salvar a vida dos animais, na medida do possível, é um dever para com Deus; se quisermos honrar o Criador, devemos respeitar e reverenciar suas criaturas assim como os animais, por mais que saibamos que Ele os ama também (Jon 4:11) e tenhamos em mente o mandamento Dele: 'Não matarás!'.

### 3. PROTEÇÃO AOS ANIMAIS E ÉTICA, 1928

A compaixão com os animais aparece como um fenômeno empírico da alma humana. Esse fato foi informado, entre outros, pelo poeta e filósofo Herder na obra *'Ideas in History of Humankind'* [*Ideen zur Geschichte der Menschheit*]. O aspecto de que esse fenômeno está mais ou menos presente na alma humana é também admitido pelo Código Penal Alemão ao expressar no parágrafo 360(13) que a crueldade com os animais é crime. Exceções, que certamente estão presentes ali, não podem mudar a verdade de tal observação psicológica, da mesma forma que a existência de cegos é usada para argumentar que a capacidade de enxergar não é uma parte essencial dos seres humanos. Essa compaixão é agora o motivo central da ideia da proteção aos animais [*Tierschutz*]. Assim, não se mensura se alguém se beneficia disso ou não; por exemplo, em uma carta aberta a Ernst von Weber, Richard Wagner, sob a influência da obra *'On the Foundation of Morality'* [*über das Fundament der Moral*] de Schopenhauer, discorre:

'Todos que reagem indignados ao testemunhar o sofrimento de um animal se motivam somente pela compaixão e quem se esforça junto com outras pessoas para protegê-lo age de modo semelhante apenas quando não houver compaixão e, naturalmente, suposições da utilidade da compaixão determinada e despreocupada.'

E, se alguém não aceitar a natureza incondicional da Ética com os Animais (quando esse termo puder ser

empregado, seguindo Brenzinger, que foi o primeiro a publicar a Ética com os Animais em caráter científico [*Tierethik*] a partir de uma posição ética e legal), não se pode, entretanto, suprimir a questão no tocante à relação entre a proteção aos animais e a ética e, respectivamente, respondê-la. Em outras palavras: quais são as consequências nos relacionamentos com nossos irmãos quando estendemos nossas obrigações morais – além dos seres humanos – com os animais? Não temos de temer que afastaremos nossa consciência da infelicidade dos animais em relação aos seres humanos? O filósofo Eduard von Hartmann que, a propósito, não é hostil com os animais, expressa essas preocupações em seu artigo *'Our Relationship towards Animals'* [*Unsere Stellung zu den Tieren*]. Ele dá o exemplo de uma 'velha empregada insensível' que alimentava seu cão *pug* com carnes e doces enquanto deixava os colegas de serviço com fome. Ele também encontra o amor aos animais entre misantropias amarguradas, juízes frios e cruéis dos hereges e heróis revolucionários bárbaros. Apesar de haver esses casos, os argumentos de Hartmann apenas visam ao *falso* amor aos animais que pode ser usado com os seres humanos e é expresso em mimos aversivos, preferências injustificáveis, fisiologismo [*Vetterwirtschaft*] que é, infelizmente, propagado. Contudo, se esse falso amor das pessoas não for um bom argumento contra a ética, está havendo eventualmente o falso amor aos animais, sem demonstração diante da justificativa de protegê-los.

Esta é a questão: se formos compassivos com os animais, não frearemos nossa piedade e ajuda para com o sofrimento dos seres humanos. Se o amor de alguém for tão grande de forma suficiente para ultrapassar as fronteiras humanas e ver a santidade até na criatura mais infeliz, ele/ela a encontrará no irmão mais pobre e desfavorecido, a priorizará e não a restringirá a classes sociais, grupos de interesse, partidos ou qualquer coisa que venha a ser considerada. Por outro lado, a crueldade insensível com os animais é também um ato rude que se torna perigoso no ambiente humano. Entre outros pensadores, o filósofo Kant enfatizou significativamente esse fato de grandíssima importância para a ética social quando classifica o tratamento cuidadoso e compassivo com os animais como obrigação humana na obra *'Metaphysische Anfangsgründe der Tugendlehre'*. Palavras do Conde Leon Tolstói: 'Desde matar animais até seres humanos, é só uma etapa' que seria forte demais; sua posição, no entanto, expressa o conceito

e entendimento de Kant. Esse é também o caso de R. von Hippel, jurista que colecionou e organizou a maior parte dos materiais históricos e estatísticos relevantes.

Todavia, a proteção aos animais bem-sucedida e eficaz é apenas possível quando existirem conhecimentos suficientes e, pelo menos, algum entendimento sobre a natureza. A razão é que somente podemos proteger os animais na realidade quando sabemos algo sobre suas condições de vida e propriedades fisiológicas e psicológicas. Portanto, um dos principais objetivos do movimento de proteção aos animais é promover esse tipo de conhecimento e um melhor entendimento sobre a natureza – estimulando, ampliando e aprofundando-o. Tal interesse na natureza não se limitará aos animais e, por outro lado, às plantas e (o que for mais importante nesse contexto) aos seres humanos. Se esse objetivo só for alcançado parcialmente, podemos esperar, com certeza, uma influência positiva sobre os seres humanos e no seu modo de vida, como, por exemplo, na atitude natural e benéfica que não tem nada a fazer com a vida ilimitada dos anseios anormais, prejudiciais e exagerados, sempre considerados naturais de maneira errônea. O fato de que a promoção do conhecimento e entendimento sobre a natureza e o verdadeiro amor pela natureza também terá efeito positivo sobre a ética sexual não precisa ser demonstrado de forma suplementar.

Se for verdade que a proteção aos animais corretamente entendida e implementada atua na ética de modo positivo, é também verdade que ela tem valor na educação pública e conhecimento público; e, esse aspecto não pode ser subestimado. Por outro lado, todos que estão ativos em termos de proteção aos animais apoiarão as atividades éticas gerais na medida do possível e, conforme já foi dito, não podem ser negligentes ou omissos quanto à ética com os animais, pois isso também sustenta indiretamente a proteção aos animais.

O fato de haver uma inter-relação próxima entre a ética e proteção aos animais se baseia, por fim, na realidade de que temos obrigações morais com os irmãos, animais e plantas – em resumo: todas as formas de vida. Assim, podemos falar sobre ‘Bioética’.

Como tal, a Bioética não é apenas uma ideia dos tempos modernos. Já o céptico Montaigne foi o primeiro francês – o primeiro representante do *ethos* moderno de sentimento até então – que ousou argumentar que todos os seres vivos têm direito de serem tratados com base

em princípios éticos: devemos justiça aos seres humanos e bondade e compaixão a todas as outras criaturas que se beneficiarão disso, escreveu em sua obra ‘*Essays*’ em 1588. Precisamente, no mesmo sentido, Herder espera que os seres humanos sigam o exemplo de Deus, que exalta com sentimento cada ser vivo e tem empatia com os sentimentos e necessidades de cada um. Ele inclui as plantas nessa categoria de forma expressiva. Destaques são feitos pelo teólogo Schleiermacher e pelo filósofo Krause. Em sua obra ‘*Philosophische Ethik*’, Schleiermacher declara que é imoral destruir a vida e formas de vida, independentemente de onde estiverem, por exemplo, plantas e animais, sem motivos cabíveis associados a tal ato. K. Chr. F. Krause, contemporâneo de Schleiermacher, pede, em sua obra ‘*Rechtsphilosophie*’, que cada ser vivo seja tratado como tesouro e não seja destruído sem razões: porque as plantas, animais e seres humanos estão no mesmo patamar [*gleichberechtigt*]. Mas eles não são idênticos e cada um apenas de uma forma que seja um requisito necessário para alcançar o seu destino. Portanto, lemos na obra ‘*Abriss der Philosophie des Rechts*’ de Krause. Uma observação constante no diário do poeta Hebbel nos remete à intuição de Herder, de acordo com a qual os seres humanos e todos os seres vivos [*was lebt und webt*] veem uma luz divina misteriosa a que se pode ter acesso só pelo amor.

Deve-se mencionar que, nesse contexto, houve e tem havido – cada vez mais – suporte ao pensamento bioético por meio de argumentos biológicos e biopsicológicos e sem fracasso.

A princípio, pareceria utopia notar essas obrigações morais com todos os seres vivos. Não podemos, entretanto, ignorar, que são determinadas na prática pelas ‘necessidades’ [*Bedürfnisse*] (Herder), respectivamente pelo ‘destino’ [*Bestimmung*] (Krause) dos seres vivos. Assim, as necessidades dos animais parecem ser menores em termos de quantidade e menos complicadas em termos de conteúdo do que as dos seres humanos. Isso é ainda mais verdadeiro para as plantas, a fim de que as obrigações morais práticas, já presentes em relação aos animais (se não for de modo básico, mas prático), criem menos dificuldades. Ademais, temos de levar em conta o princípio da luta pela vida e existência, que, de alguma forma, também modifica nossas obrigações com os irmãos, mesmo se nos sentíssemos infelizes com tal. Toda a nossa vida e atividades, seja na área de política, negócios, administração, laboratórios, seminários e esportes, são – conforme Naumann destacou

em sua linha de pensamento, cujos objetivos não enfocam o amor em primeiro lugar – sempre centralizadas na luta com algum tipo de concorrentes. Não reconhecemos esse fato sempre, desde que a referida luta seja sem ódio e aceita de maneira legal e aberta. À medida que não podemos evitar a luta com os irmãos, a luta pela vida [*Kampf ums Dasein*] com outros seres vivos é, da mesma forma, inevitável. No entanto, nem no primeiro e segundo casos, perderemos a ideia de obrigações morais como princípio. Os parágrafos das leis de proteção aos animais nos códigos penais dos países civilizados e as atividades das sociedades de proteção aos animais testemunham como a proteção aos animais se torna prática. No campo da ética com as plantas, nossa intuição nos guiará ao impedir que as matem com uma vara quando damos um passeio ou peguemos flores apenas para jogá-las fora depois de uma curta caminhada, ou ao detestarmos os atos irracionais de destruição praticados por rapazes não civilizados que cortam as copas de pequenas árvores ao longo da estrada ou nas florestas.

A partir de tudo isso, o *imperativo bioético* ‘Respeite cada ser vivo, incluindo os animais, por questão de princípios e trate-os, se possível, como tais!’ norteia nossos atos morais. E, se alguém não aceitar a validade desse princípio no que se diz respeito aos animais e plantas e repetindo o que já foi dito, deve-se, entretanto, segui-lo para reconhecer a obrigação moral com a sociedade humana em geral.

#### **4. ÉTICA SOCIAL E SEXUAL NA IMPRENSA DIÁRIA, 1928**

Toda a reflexão ética adquire um propósito real apenas quando é feito o trabalho teórico ou prático. Mesmo quando a confirmação prática for a mais importante, sobretudo pelo exemplo do modelo de papéis e – talvez as mais importantes, as informações teóricas de natureza esclarecedora [*Aufklärung*] – pelo texto e palavra, ela não deve ser subestimada. No tocante à palavra falada, ou seja, a forma de influência particular que varia de pessoa para pessoa, as palestras, as apresentações, o sucesso por meio da fala e conversação não devem ser superestimados, contanto que, às vezes, essas leituras não se destinem a tantas pessoas. Provavelmente, o rádio exerce uma influência maior.

Já as informações teóricas de natureza esclarecedora, nos levam à palavra impressa. Em primeiro lugar, devemos

mencionar a *imprensa profissional*, que tem a grande vantagem de disponibilizar as páginas exclusivamente para as questões de problemas éticos controversos e é, basicamente, mais ou menos independente das pessoas neutras ou até hostis a essas preocupações. Porém, certas deficiências se relacionam a tal vantagem. O jornal profissional atinge somente aqueles que já são membros desse movimento ou estão próximos a ele. Falta, portanto, uma influência imediata sobre as massas. Tais deficiências são até maiores no que se diz respeito aos livros; por um lado, o preço de compra é desestimulante e, por outro, nem todos têm tempo e prazer de ler publicações não tão fáceis de assimilar e, às vezes, com muitos volumes. Além disso, o mercado de livros apresenta muitas publicações sobre questões éticas e é difícil fazer a seleção correta.

Assim, a questão mais importante é ainda rever a importância da *imprensa diária* para a ética. Do ponto de vista da ‘*Ethikbund*’, os jornais não estão sem deficiências. A imprensa diária, em geral, não tem o mesmo espaço disponível como o jornal profissional ou até o livro e, às vezes, deve ser cuidadosa ao lidar com certas questões em relação aos seus patrocinadores, partidos, anunciantes ou assinantes. Essa deficiência é, todavia, equilibrada com grandes vantagens. Em primeiro lugar, e considerando o aspecto mais importante, há uma ampla distribuição da imprensa diária. Quantidades imensas de papel são usadas todos os dias para produzir jornais. Milhares de olhos analisam milhares de linhas de jornais todos os dias. O livro e até o jornal profissional mais lido não podem competir com isso. Tal distribuição surpreendente vai ao encontro de uma influência extraordinária similar, independentemente do que se acha da utilidade dos jornais. Eventos que acontecem nas cidades, condados, países, atividades no mundo todo – de onde obtemos suas informações se não for pela imprensa diária? A imprensa diária analisa as grandes questões e desenvolvimentos políticos e econômicos – que precisamos saber para reconhecer e cumprir nossas obrigações sociais; também obtemos informações dos preços dos alimentos, de como se vestir, dos custos de determinadas roupas, de quais produtos são recomendáveis e do que não está relacionado diretamente, mas indiretamente à ética. E, como os jornais sabem que os homens não vivem de pão e de outros alimentos diários, ele relata questões intelectuais e espirituais e a ética não pode estar ausente. Por fim: como os jornais apenas trarão artigos de conteúdo ético de forma intermitente que não são muito longos e estão prefe-

riavelmente em estilo de folhetim, a geração de interesse e o entendimento entre os leitores leigos – também, a partir dessa perspectiva, a importância da imprensa diária para a ética, incluindo a ética social e a ética sexual – não devem ser subestimados.

Portanto, a relação entre os jornais e a ética deve ser bastante destacada e em qualquer caso. Isso independente de ser amigo ou inimigo da imprensa diária. É também irrelevante se a imprensa é considerada como expressão da opinião pública, ‘produtora’ ou modificadora dessa opinião em primeiro lugar. O amigo da imprensa diária usará o jornal como instrumento de trabalho ético, pois, dessa forma, ele terá a oportunidade de expressar uma linha de pensamento ética e disseminá-la. Entretanto, até o inimigo declarado da imprensa diária não deixará de, pelo menos, trabalhar com o jornal ou apoiá-lo, mesmo se for apenas para a finalidade (se justificável ou não, é irrelevante nesse aspecto) de influenciá-lo de modo positivo. A possibilidade dessa influência é sempre dada caso o jornal seja reconhecido como expressão da opinião pública. E, se as páginas do jornal forem tidas como meio de estabelecer ou pelo menos influenciar bastante a opinião pública, torna-se até uma obrigação, do ponto de vista ético, fazer parte desse tipo de formação de caráter [*Gesinnungsbildung*] de maneira ativa e com os melhores conhecimentos e consciência.

Começar com os jornais mais adequados é uma questão de pragmatismo. Também é importante manter proximidade com os correspondentes. Os melhores conselhos podem ser obtidos de especialistas da área jornalística e da área da ética. Aproveitar essa oportunidade é de importância fundamental para a boa causa a que a ética social e a ética sexual pertencem definitivamente e deve ser recomendada de forma enfática.

## 5. FORMAS DE ÉTICA SEXUAL, 1928

O problema sexual é um dos problemas mais recentes da ética atual. Não se deve ignorar que, até nos tempos antigos, o mesmo tópico tinha aparecido entre os povos mais variados. Entretanto, não lhe foi dado espaço como nos novos tempos, principalmente no nosso presente.

Como talvez o único meio de impedir e evitar danos à ética sexual para os jovens e adultos desde o século XVIII até agora, foram as informações racionais apropriadas [*Aufklärung*] sobre a vida sexual e sua base

psicológica. Por exemplo, Rousseau, cujo aniversário de 150 anos de sua morte celebraremos no dia 02 de julho deste ano (1928), defendeu o fornecimento de informações cabíveis sobre sexo para jovens acima de 16 anos em seu 4º livro de romances educativos ‘*Emile, ou de l’éducation*’. Ele as considerava como parte essencial do entendimento e até planejou visitar prostíbulos por meio de seu aluno imaginário Emile com pacientes portadores de sífilis no intuito de dar esclarecimentos. Como amigo e adepto significativo das ideias de Rousseau, Basedow, contemporâneo e conhecido de Goethe, ganhou notoriedade na Alemanha. Ele defendeu a educação sexual [*Aufklärung*] como muitos educadores de jovens com ele e depois dele. Nesses círculos, a sugestão apareceu para demonstrar as ressecções de cadáveres a fim de visualizar melhor a educação sexual. Percebemos claramente que o ensino sensato de questões relacionadas ao sexo é tão valioso hoje, quanto nos ‘tempos do Iluminismo’ [*Aufklärungszeit*], como Kant chamou. Muitas palestras, exposições, filmes, obras e outros itens variados atestam esse fato (alguns entre eles são inúteis e até prejudiciais).

Como julgar essa atitude difusa voltada à racionalidade no tocante às questões da ética sexual? Sem dúvida, o pensamento e a racionalidade podem e devem ser aplicados a todas as questões, incluindo a ética e a ética sexual, se for preciso. Recusar essa necessidade significa negar a busca do problema em questão e qualquer processo que resultaria de tal. Acima de tudo, isso seria o pior erro possível. Em ‘*Faust*’ de Goethe, Mefistófeles disse: ‘Se você menosprezar a racionalidade e o conhecimento, os maiores poderes da humanidade, já os tenho com certeza!’.

Até então, tudo deve estar claro. Não podemos, entretanto, ignorar que o homem não é exclusivamente um ser pensante e a racionalidade não representa todos os outros impulsos da mente. A omissão desse fato psicológico estabelecido há muito tempo é abrangente, e é sempre esquecido que o homem é dotado de fortes sentimentos e motivações. E, por causa da intensidade desses desejos internos, é difícil subordinar a ética sexual à racionalidade: temos de reconhecer que a libido pode ser muito perigosa. Tais desejos são, em geral, tão fortes que o homem normalmente se rende a eles, mesmo se a razão lhe disser que será prejudicado. Aqui está um exemplo do desejo real de autopreservação: o homem em perigo se apegará ao último fio de esperança, segundo o provérbio diz ou, ao seu salvador, se houver um,

apesar de saber que será complicado resgatá-lo e talvez até tornar o procedimento impossível. O desejo de auto-preservação é obscuro nesse caso e a razão não tem poder de se equilibrar. Uma força propulsora semelhante de resistência existe na libido, sobretudo se bem dotada ou desestabilizada por doença. Considerando o último caso extremo: um homossexual veria sua orientação sexual na alma como errada, desnatural ou maléfica; e, pelo resto de sua vida, é infeliz. Embora sua racionalidade tivesse tal condição como anormal, ele não pode alterar essa libido e sufocá-la. De forma similar, isso também se aplica a ambos os sexos no que tange à masturbação simples ou recíproca, um mau costume muito difundido. Até a libido natural e mais ou menos saudável sempre triunfará sobre a razão e os ensinamentos (continua-se sem dizer que uma pessoa fleumática está em menos perigo do que uma pessoa sanguínea). Em tal situação, é evidente que, de vez em quando, ensinamentos racionais bem-intencionados tenham o oposto dos resultados pretendidos, principalmente nos indivíduos que podem ser estimulados com facilidade. Um exemplo antigo é encontrado na Bíblia: mesmo que questões da vida sexual sejam discutidas de maneira fácil e livre, faltam detalhes de sedução. Climas voluptuosos e significados dúbios estão ausentes. Entretanto, até hoje, palestras aos jovens acerca desses temas são consideradas perigosas. E hoje, de forma semelhante, achamos o retrato desse cenário com filmes públicos educacionais: embora os filmes educacionais regulares sejam mal assistidos, sempre acontece o contrário com os relacionados ao sexo. Sem dúvida, isso põe em questão que o interesse se atrela em termos de pura razão e é muito mais – se nem sempre for de modo consciente – impulsionado pela libido.

Não é novidade que a própria racionalidade não é apenas o único momento que controla as demandas da promoção da ética sexual. Rousseau e Basedow, mencionados acima, são os oponentes francos dessa exagerada ‘linha de pensamento’ [*Vernunftelns*]. Já nos tempos mais antigos, foram feitas tentativas para influenciar diretamente – da infância em diante – o então chamado ‘sentimento moral’ [*moralisches Gefühl*] da ética sexual. É claro que se objetivou promover a ética sexual dos adultos. No entanto, para enfocar os efeitos e questões práticos, vamos levar em conta o que se segue.

Quais consequências práticas resultariam do impacto significativo dos impulsos humanos e sua influência e

choque na ética sexual? Para repetir de forma explícita o que já foi afirmado, é evidente que não se faz nada sem a educação sexual racional. É somente nossa razão que nos convence de ter em mente o aspecto racional, o aspecto fisiológico e, no sentido mais moderno, sobretudo o aspecto psicológico. Um dos meios para tal é cuidar da religiosidade ativa. Muito se espera do despertar e fortalecimento dos ‘sentimentos morais’ [*moralische Gefühle*], assim chamados durante o período do iluminismo; em nosso campo específico, significaria o cultivo do senso de vergonha. Para tê-lo, é essencial tirar as influências prejudiciais. Devemos ficar de olhos bem abertos na literatura dos tópicos sobre sexo que é amplamente oferecida e ilustrada, na maior parte das vezes. Essa atenção tem de ser direcionada para novas publicações e incluir obras clássicas. Só quero mencionar aqui os Contos (não editados) das ‘1001 Noites’, ‘Decameron’ de Boccaccio e ‘As Aventuras de Casanova’. O fato de que tais obras não foram isoladas no passado é comprovado pelos sérios avisos repetitivos do já mencionado pedagogo Basedow acerca dessas leituras inapropriadas que estimulam a sensualidade. O mais importante seria um estilo de vida estabelecido. Nisso, inclui-se uma dieta balanceada com porções adequadas em intervalos oportunos, princípios de higiene aplicados ao vestuário e moradia (sobretudo quartos), princípios de que o trabalho e a recreação estejam em suas devidas proporções (nem muito nem pouco) e princípios de que deva haver, em vez de prazeres sociais e do mundo, exercícios físicos e apreciação de uma natureza ainda mais abandonada (esportes, caminhadas, jardinagem, etc). Guarde a seguinte regra de ouro: durma e acorde cedo! Questões importantes adicionais (por exemplo, a questão do álcool) não podem ser tratadas aqui neste momento. É melhor que um médico experiente e competente o faça.

A influência direta na ética sexual, sem acesso a partir da educação racional, é de especial importância na infância e adolescência, pois se deve sempre balancear o perigo do dano moral frente à possibilidade de um impacto bem sucedido sobre a educação. Aqui começará o desenvolvimento da ética sexual para adultos em breve, sem necessidade de evidências.

## 6. EGOÍSMO E ALTRUÍSMO, 1929

### Dois problemas morais básicos: oposição e aliança na vida social

Existem duas questões básicas importantíssimas na ética individual e na ética social: (I) a posição egoísta ou egocêntrica e (II) a posição altruísta, também chamada de senso de justiça, compaixão, piedade, amor (não no sentido sexual) etc.

A ética acadêmica filosófica e teológica não usa sempre esses termos paralelos de modos semelhantes. Isso pode ser permitido por razões de simplicidade para usar o ‘egoísmo’ x ‘egocentrismo’ como fato psicológico, resultado do qual é a luta pela vida, e ‘altruísmo’, ‘amor’, etc. para representar a atitude oposta de sentimentos, vontades e lógica que se relaciona a consequências práticas.

I. A atitude egocêntrica, ou seja, o interesse em mim mesmo(a). Não devemos negar que essa atitude é originalmente um impulso intuitivo e instintivo. Torna-se uma forma de pensamento lógica consciente no que tange à atitude potencialmente justificável de luta pela vida e aos melhores métodos dessa luta. Já reconhecemos a luta pela vida entre as plantas por meio da imensa multiplicação, odor ou sabor desagradáveis, pelos urticantes, espinhos etc. usados contra os animais predadores. Por outro lado, os animais sabem como neutralizar as propriedades de autodefesa das plantas e têm de se defender contra os seres humanos com muitas armadilhas inerentes que não dão chance. Os seres humanos usam plantas e animais para os seus próprios objetivos pessoais, fato que não precisa ser demonstrado. E é irrelevante que algumas plantas [*Nutzpflanzen*] (como frutos e batatas) e animais criados em fazendas [*Nutztiere*] (gado, cabras, porcos, etc) devem sua ampla distribuição aos seres humanos. O último motivo é e foi, a propósito, o autointeresse e a luta pela vida do indivíduo e do coletivo I [*Ich*].

Tal egoísmo é tão grande que não se limita à classe do próprio indivíduo. Sabe-se bem que as plantas obtêm alimentos e luz de cada uma e os animais usam outros como alimento. A princípio, vemos o mesmo nos seres humanos. Isso é verdade em termos de vida econômica [*Wirtschaftsleben*], conforme foi apontado recentemente por Naumann. Não é o desejo do empresário se sobressair frente ao seu concorrente ou pelo menos ser bem sucedido como ele, nas negociações com os clientes para

essa finalidade? Ele não seria, a propósito, bom se fizesse o contrário! De maneira semelhante, nas economias doméstica e mundial, ele é determinado e vitorioso em fazer bom uso da competição entre as diferentes profissões e estados. Mesmo as intenções intelectuais, pelo menos até onde são basicamente profissionais, não são exceção. Como uma pessoa jovem (os pais ou o responsável) age ao definir qual trabalho intelectual satisfatório escolher para sua vida? Ela pergunta sobre seus principais interesses e melhores oportunidades de ter uma boa carreira e, às vezes, sobre o que deve ser levado em conta quanto à família. Raramente, a seguinte questão é feita de modo sério: ‘Como posso servir a humanidade melhor com minhas qualidades e dons?’. Nem mesmo Kant pôde afastar o aspecto utilitário da sua obra ‘*Categorical Imperative*’, como Schopenhauer mostra com detalhes em ‘*Über das Fundament der Moral*’.

De novo, deve-se apontar, neste contexto, que esses fatos relatados não pretendem ser uma crítica depreciativa. A atitude egocêntrica e a luta pela vida são agentes importantíssimos para a criação e desenvolvimento da civilização e da cultura. Sob esse aspecto, as consequências são um resultado mais abençoado para a comunidade e o indivíduo, mesmo se não for planejado em primeiro lugar.

II. Entretanto, quem apenas valoriza o egoísmo, tais como Stirner em sua obra ‘*Der Einzige und sein Eigentum*’ e Nietzsche com seu modelo ‘*MasterHuman*’ [*Herrenmenschentum*], ‘além do bem e do mal’, não admite que há altruísmo que também apresenta um dom natural da vida da alma humana normal [*Seelenleben*]. Assim, a empatia pela justiça e imparcialidade, compaixão, solidariedade, amor ou qualquer termo que quisermos empregar deve ser primeiramente reconhecida como fato psicológico e valorizada como tal. Se não o fizermos ou se até a omitirmos, esconderemos e dominaremos a natureza humana. E, caso alguém argumente que tudo se baseia na genética e educação, a seguinte pergunta tem de ser respondida: ‘Como o altruísmo é herdado de forma similar aos outros traços do caráter humano [*Seeleneigenschaft*]’, respectivamente: ‘Por que visamos à educação do jovem e de toda a humanidade nesta direção e não em outra?’. A resposta mais satisfatória ainda é que o altruísmo é um fato psicológico da alma humana empiricamente testado e, assim, temos de levar o seguinte em conta: ‘O que é o altruísmo agora?’. É o fato de que o meu próprio Eu [*Ich*]

retrata o oculto sob certas condições até o ponto da auto-destruição e que os motivos egoístas não vêm à tona. Um exemplo impressionante é a proteção aos animais fora da pura compaixão, conforme entendido por Schopenhauer e Richard Wagner e pelas sociedades contemporâneas e legislação de proteção aos animais. E aqueles que seguem suas tendências altruístas também têm a satisfação pessoal de fazê-lo e isso é outra prova de que seria também uma tendência egoísta. Por outro lado, ele, que com Kant só quer aceitar a razão ou com Ed. von Hartmann a justiça fria e lógica como o único motivo correto para o *ethos*, está tão próximo do egoísmo e sacrifica esse fenômeno da vida da alma humana.

É claro que, de modo semelhante, como o egoísmo não está sem aspectos altruístas, o altruísmo não pode ser imaginado sem egoísmo. Aqui há um exemplo para muitos: embora o Cristianismo seja chamado de forma muito correta como a religião do amor, o amor, que seria desinteressado de gostar de alguém, é similar a qualquer religião de redenção que pode ser definida melhor com a seguinte frase: ‘Desenvolvi a vossa salvação’ (Filip. 2:12). As palavras de Jesus também são importantes: ‘Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles’ (Mt 7:12; Lc 6:31). ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’ (Lc 10:27; Lev 19:18). Portanto, o egoísmo é aceito como existente e se pressupõe o auto-entendimento de que todos querem apenas coisas boas de seu irmão e se preocupam com ele. Desejamos sentir pena disso? Sim, mas não tão facilmente. Como seria possível suprir outro ser, ou seja, preocupar-se com ele em sua luta pela vida, isto é, em sua atitude egoísta, protegê-lo e apoiá-lo? A inter-relação entre o altruísmo e o egoísmo mostra a relação do indivíduo como parte de uma comunidade [*Gesamtheit*], quer organizações profissionais e nacionais, quer partidos políticos, aldeias, ambientes urbanos, etc. Existem, sem dúvida, pessoas que submetem toda a sua existência a uma totalidade [*Gesamtheit*] ou até a sacrificam e, assim, se comportam de forma puramente altruísta. No tocante a essa totalidade, é, em geral, resoluta em competir com outras organizações ou pessoas, ou seja, representa um egoísmo coletivo, que, no entanto, casa bem com os membros individuais de tal comunidade em questão e, dessa forma, é altruísmo. Se esse efeito positivo de uma organização específica for entendido e utilizado (e tem de ser dessa maneira, senão essa organização seria inútil), o suporte da comunidade também de-

sempenhará um papel importante para o indivíduo (em sua obra ‘*Ethics*’, F. Paulsen expressou esse ponto e listou questões com mais detalhes).

Tratando-se da avaliação desses dois fatos psicológicos e éticos, discutidos acima, temos de mencionar o seguinte: as sérias tendências egocêntricas são somente apoiadas pelo ceticismo moral. Contudo, são relativamente poucas exceções. É muito grande o número daqueles que, de forma inconsciente, centralizam o eu em seus interesses. Essa atitude, que é inevitável e não necessita de críticas, tentou ser demonstrada acima. É, no entanto, óbvio um egoísmo exagerado, relativo ao ato de por o *ethos* em perigo. Sob essas circunstâncias, compreende-se que o altruísmo traz um reconhecimento muito maior em público. Mesmo aqueles que chamam o amor de ‘sentimentalidade’ sempre hesitam em admitir suas falhas psicológicas (e, na verdade, são). Porém, a maioria das pessoas têm uma vontade e confiança firmes de serem ‘justas’, ‘boas’, ‘altruístas’, dependendo de sua predisposição [*Veranlagung*]. A maior estima emocional, mais ou menos inconsciente, do altruísmo sobre o egoísmo pode ser reconhecida ao se referir às testemunhas da história das ideias [*Zeit - und Geistperioden*], sendo ideal o altruísmo cujo entendimento é finalmente esperado, apesar do egoísmo. Já o velho profeta judeu Isaías alude a um futuro império de paz onde a luta pela vida entre os animais e entre os animais e os seres humanos terminará (Is 11:6-9). De modo semelhante, Jesus prega sobre a vinda do reino de Deus, que significa também o reino do amor. Isso é apenas claro quando Paulo, na primeira carta aos Coríntios, capítulo 13, confere ao amor um patamar maior do que a fé e esperança (versículo 13) e atribui sua eterna existência (versículo 8). Recentemente, Kant, ao postular uma prova moral da existência de Deus [*Gottesbeweis*], mostra que ele tem o ideal de uma regra exclusiva do bem no futuro. Deve-se mencionar também a ideia favorita do socialismo sobre um ‘Estado do Futuro’ que, sem dúvida, testemunha o idealismo e otimismo éticos.

Quais são agora as consequências mais importantes para a ética social?

1. O egoísmo e o altruísmo não precisam ser adversários éticos incompatíveis.

2. Portanto, a mentalidade egoísta como fenômeno natural é também um direito humano básico. Se for usado de forma cabível (estilo de vida saudável e natural, principalmente em termos de nutrição, vestuário, condições de

vida e trabalho, salário regular e suficiente, luta pela vida que pode ser, em geral, governada pela justiça e imparcialidade), esse direito ajudará os círculos mais abrangentes e será altruísta, pelo menos, em seus resultados.

3. O fato psicológico da atitude egoísta também não pode ser ignorado e deve ser reconhecido. Esse requisito é mais fácil de ser atendido porque observá-lo não significa sempre resultar em prejuízos pessoais. Por exemplo, o que é gasto no bem-estar social e no suporte e melhoria da competitividade nacional [*Volkskraft*] retorna com receitas de juros, pois o estado e a economia são os maiores interessados em terem funcionários públicos confiáveis, bons colaboradores, consumidores em excelentes condições financeiras, bom desenvolvimento dos jovens, enfim, o bem-estar geral de toda a nação.

4. Agora, infelizmente, o egoísmo é sempre desproporcional, o que não ocorre com o altruísmo. Portanto, temos de nos preocupar com a crença e ideal do amor na medida do possível, ser otimistas quanto à sua concretização, por ex., com as palavras fiéis de ‘*Faust*’, de Goethe: ‘Podemos salvar quem se esforçar bastante de modo suficiente’ e redimir de um egoísmo exagerado. É claro que cuidar desse ideal nunca será sem consequências práticas. Podemos mencionar todas as atividades no cuidado social, sobretudo o suporte às pessoas em más condições financeiras, sem considerar se vão pagar ou não (por ex., cuidado com os idosos e pessoas frágeis; proteção aos animais). As igrejas cristãs dão, a propósito, referências suficientes para trabalhar no serviço do amor.

## **7. PRECEITO DE CARÁTER OU LIBERDADE DE PENSAMENTO? 1930**

### **Pensamentos sobre um modelo liberal de educação do caráter**

De um jeito ou de outro, o caráter [*Gesinnung*] sempre se baseia no julgamento moral. A ciência é diferente do caráter e não aceita os julgamentos de valor como base do seu trabalho. É claro que a ciência pode fornecer material para a formação do caráter. E isso é, sem dúvida, muito bem-vindo. Porém, as consequências não foram trazidas à tona ou, em caso positivo, diferem de pessoa para pessoa (Os alemães e os franceses se consideram inimigos tradicionais. Alguns aceitam o fato sem críticas.

Outros aprofundam a questão, mas chegam a conclusões diferentes: alguns querem resolvê-la por meio da guerra, outros o fazem por meio de acordo e entendimento).

Por outro lado, as pessoas tentam – e nem sempre sem sucesso – omitir fatos da realidade cientificamente comprovados, mas começam a partir de uma opinião pré-concebida para influenciar a cultura e a ciência; às vezes, isso ocorre até sem um claro entendimento de tal processo. A referida transição da convicção para a ciência (se for possível) apenas acontece ao tirar a linha de pensamento objetiva em geral ou pelo menos para uma questão específica. Ademais, essa etapa se torna *um decoro* ao acobertá-la com uma visão científica, o que não se justifica.

Em vez de apresentar reflexões adicionais, quero analisar a prática de educação do caráter como é hoje em geral e como deve ser. Vamos examinar primeiro as disciplinas tradicionais da educação do caráter: religião, literatura alemã e história.

Nas aulas tradicionais de religião de agora em diante, há um firme entendimento de que a religião, mais do que o Cristianismo ou até uma outra denominação, tem de formar o caráter: primeiro, na sala de aula e, depois, na vida futura. Todavia, é completamente esquecido que essa fé, sobretudo no entendimento cristão, não pode ser óbvia; e, também, as falhas da convicção da própria pessoa e os méritos de outras denominações não são admitidos. A bíblia e outros livros religiosos são usados de modo preferencial para selecionar as passagens que a pessoa gosta e as contradições não são citadas ou manipuladas de acordo com a regra de Mefistófeles em ‘*Faust*’ de Goethe: ‘*Sempre seja eficaz na hermenêutica. Se não entender, você se confundirá*’. É claro que encontramos maus comportamentos similares daqueles que têm opinião diferente; é uma transgressão que dá origem a personalidades arbitrarias assim, o que torna a liberdade de pensamento impossível (cf. artigo 135 da Constituição Alemã que, em termos obscuros, não garante a total liberdade de fé e consciência a todos os cidadãos de Reich).

Nas aulas de literatura alemã e história, principalmente desde os tempos do Romantismo, pretende-se apresentar o amor para a pátria e o povo e depois para o estado e a dinastia. Aqui há poucos exemplos bem conhecidos de um vasto número de materiais: o britânico diz ‘certo ou errado, meu país’, o alemão acha que seu país tem de curar o mundo e o francês chama seu país de ‘A Grande Nação’. Se esses traços de caráter são desejáveis ou não, isso não será julgado

aqui. Vamos admitir por um momento que são. E quais são os métodos de formação ou educação do caráter? Inicia-se com um traço de caráter já existente, mas esconde a sua forma subjetiva sob a então chamada cobertura científica e rejeita rigorosamente uma análise lógica imparcial de tal fibra moral questionável. Veja como Goethe deixa Faust dizer: ‘*Você está certo; não encontro vestígios de espírito, tudo começou por meio de treinamento [Dressur]*’. Não é, então, liberdade de pensamento, mas é o treinamento da imposição de opinião (que, a propósito, tem de ser muito clara e pode advir do direito político e pedagógico, do centro e da esquerda). Existem grupos que aceitam esses métodos por causa da eficácia, independentemente de sua subjetividade e psicologia equivocada. Todavia, se alguém já estiver feliz com a retirada da liberdade de pensamento e sua substituição pelo preceito de caráter [*Gesinnungsdiktatur*], isso poderá ser muito duvidoso.

Mas como deve ser? A resposta é evidente: não comece pelo treinamento, mas pela liberalização, respectivamente ‘democratização’, da formação do caráter. No ensino em sala de aula, funcionará da seguinte forma:

1. Não ensine tendências subjetivas pré-determinadas [*Gesinnung*].
2. Evite terminantemente ocultar opiniões pré-determinadas com a então chamada objetividade e com o ensino chamado de interativo de modo errôneo [*Arbeitsunterricht*].
3. Não se aceita em termos metodológicos a apresentação do que só for adequado e a omissão de fatos inapropriados, bem como a negação ou manipulação destes à vontade.
4. Sempre considere atitudes diferentes de caráter [*Gesinnungsein-stellungen*].
5. Os benefícios e as deficiências de opiniões e atitudes diferentes devem ser discutidos (sem que haja copo rosa de um lado e copo preto do outro).
6. Exponha sua opinião de forma imparcial. Um deve esquecer de discutir problemas relativos à posição de outro.
7. Em vez de apresentar a formação tendenciosa do caráter [*Gesinnungsmacherei*], os alunos devem ter a oportunidade de construir sua própria opinião e as informações objetivas devem ser dadas para que eles criem seu próprio caráter no futuro.
8. ‘Razão e ciência, a maior autoridade das pessoas’ nunca deverá faltar na formação ou análise de um caráter já existente. A regra estabelecida por um jornal em Munique ‘atitude primeiro, depois a razão’ está errada. A propósito,

se a razão permitisse a análise objetiva da atitude do caráter, já seria satisfatório.

9. Não se deve alegar que os jovens apenas estão prontos para métodos autoritários e não para métodos de liberdade – posição que seria contradita por alguns. Porém, deixe que seja! A sementeira sempre vem antes da colheita. As Diretrizes para as Grades Curriculares do Ensino Médio na Prússia – ‘*Guidelines for Curricula at High Schools in Prussia*’ – trazem à tona as consequências nas recomendações metodológicas para vários ensinamentos em sala de aula, indicando expressivamente que o ensino religioso ali tem de se contentar em só apresentar o material para a autodeterminação dos alunos *no futuro*.

10. E, se um novo caráter esperado não estiver se desenvolvendo, não devemos nos esquecer que isso aconteceu sob o antigo método de forma até mais frequente. Além disso, um caráter adquirido e formado de uma pessoa é melhor do que um apenas aceito pelos outros e do que uma atitude infantil ou imatura em relação às questões do caráter.

É importante reconhecer que, nos ensinamentos escolares, todos os discípulos apoiarão a formação do caráter. A Matemática, a Física e a Química ensinam a precisão exata e a verificação rígida ao evitar qualquer tipo de moralização. A Biologia melhorará o entendimento muito pouco desenvolvido sobre a natureza, descartará pré-conceitos antigos, apresentará o amor da natureza e o aperfeiçoará. A música, a pintura, o artesanato e a arte do bordado são a favor de proporcionar experiências agradáveis e incluirão a estética na formação do caráter. Ginástica e esportes satisfazem os impulsos humanos para as lutas no transcorrer da vida e educam em camaradagem (incluindo o outro time). Ambos estabelecem uma relutância para brigar, ter sede de guerra e disseminar o ódio entre as nações. Nesse contexto, ensinar línguas estrangeiras com aspectos culturais e históricos [*Sachunterricht*] é de importância eminente na formação do caráter dos jovens e da próxima geração de adultos.

## 8. NOSSAS DÚVIDAS SOBRE DEUS, 1933

1. A verdade não pode ser conhecida. Além disso, o que chamamos normalmente de ciência não nos fornece o verdadeiro conhecimento ou reconhecimento real da verdade. Chego a essa conclusão a partir do ceticismo dos novos e velhos tempos e das escolas de pensamento ag-

nósticas, positivistas e pragmáticas. Quando me pergunto: ‘Que é a verdade?’ (Pôncio Pilatos em João 18:38), tenho de responder para mim mesmo: ‘Sei que não sei’ (Sócrates). E percebo que não *podemos* saber nada (Goethe; Faust).

2. Entretanto, a única coisa que sei como certeza é se estou feliz ou não.

3. Minha felicidade não depende do dinheiro ou das posses ou de outras coisas externas, pelo menos sem ser em termos de fatores decisivos. Por fim, sempre depende de algo interior e espiritual.

4. A grande felicidade de todas as coisas espirituais para mim é sempre interligada com o amor.

5. Como o amor traz a grande felicidade e até a grande bênção, meus esforços não podem ser egoístas e incluirão, essencialmente e sem falhas, o bem-estar dos outros.

6. Julgo minha fé pelo que sei em caráter experimental, a partir de um ponto de vista prático. Duas formas de crença são de interesse para mim: (a) mudança estável de opiniões do dia, chamada de ‘senso comum’ [*gesunder Menschenverstand*] naquele momento e baseada em visões e percepções (que são apenas outra forma de crença) científicas disponíveis e (b) a religião cristã.

7. (Ad 6a). O que foi chamado de ciência em tempos e lugares diferentes contribuiu sempre e certamente para o bom destino de todos e do meu. É, nesses casos, justificável a fé nos conhecimentos científicos dúbios. Todavia, nas áreas mais difíceis e na maior parte dos momentos fatídicos de minhas aspirações de felicidade, o reconhecimento presumido da verdade, a então chamada verdade sábia, sempre me abandona na maioria das vezes. Às vezes, até me prejudica, forçando-me, por meio da civilização e tecnologia, a entrar em um campo de superficialidade, longe da vida interna e espiritual, da qual depende minha felicidade e a felicidade do mundo. Nesse caso, a boa e verdadeira fé nos conhecimentos presumidos e a verdade se tornam uma fé falsa e uma superstição prejudicial.

8. (Ad 6b.) A religião cristã é somente uma fé e não tem menos capacidade de crença como a fé baseada nas percepções racionais ou científicas. Porém, acima de tudo, essa fé me faz feliz, pois me dá dons espirituais e é uma religião de amor. E, como uma religião de amor, possibilita que eu seja um membro ativo e útil da sociedade em geral.

9. Quanto mais ‘autêntica’ e ‘sólida’ for a fé cristã, mais ‘positiva’ e decisiva é. Ou seja: quanto menos depen-

dente for da mudança de opiniões do dia, mesmo quando forem expostas como os conhecimentos científicos exatos, maior é a probabilidade de que trará felicidade e mais verdadeira a fé cristã é.

10. ‘Nossas dúvidas sobre Deus?’ Tornaram-se nulas.

## 9. TRÊS ESTUDOS SOBRE O QUINTO MANDAMENTO, 1934

### O 5º Mandamento como Expressão da Lei Moral

Como fazemos o bem? A então chamada ‘Regra de Ouro’ responde essa pergunta: ‘Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles’ (Mateus 7:12; Lucas 6:31). ‘Imperativo Categórico’ de Kant: aja somente de acordo com a máxima que puder e, ao mesmo tempo, o que deve tornar-se lei universal, significa basicamente a mesma coisa. No entanto, essas formulações e outras semelhantes não são apenas um critério formal de ‘boa’ ação. O motivo, que desconsidera esse critério, só seria um egoísmo latente, então chamado de contrato de reciprocidade: não faça nada para mim e não farei nada para você (Schopenhauer menciona isso em sua obra ‘*Grundlage der Moral*’).

Se tivermos ciência de que o amor é o cumprimento da lei moral (Romanos 13:10), já estamos um passo a frente: sabemos o motivo. Porém, ainda não sabemos o conteúdo real da lei moral; não sabemos o que fazer ou não fazer especificamente. Aqui Schopenhauer serve como ajuda: ele denomina a seguinte frase como a melhor e mais concreta especificação do ato moral: *Neminem laede, imo omnes, quantum potes juva!* (Não machuque ninguém. Ajude o quanto puder!).

Mais de dois milênios antes de Schopenhauer, o 5º mandamento já trazia esse entendimento e em uma perspectiva mais abrangente do que benefícios ou danos, sob a perspectiva da santidade e manifestações da vida. Por isso, o imperativo: ‘Não matarás!’. Sabemos de Jesus que o 5º mandamento proíbe matar e todos os atos errados contra os outros, até mesmo palavrão e mau pensamento. Ou seja: ele proíbe a destruição maliciosa ou indiferente da vida e tudo que, de uma forma ou de outra, pode influenciar a vida de modo difícil ou problemático. Em seu Catecismo, Lutero tornou claro que o 5º mandamento deve ser entendido de forma negativa e positiva. A con-

sequência de tudo isso é que o 5º mandamento é uma expressão muito boa do que significa ser bom em termos morais e práticos.

### **O Dever da Autopreservação**

Quando falamos sobre deveres morais, queremos dizer, de modo geral, deveres com outras pessoas em primeiro lugar. Rotineiramente, não consideramos que cada pessoa tem deveres morais com relação à outra e que são de grande importância. A religião cristã os menciona de forma enfática. Isso se aplica também de maneira básica ao 5º mandamento: ‘Não matarás’. Nesse sentido – ‘Você não deve prejudicar ou machucar o corpo ou a vida de qualquer pessoa. Você deve ajudá-la e ampará-la em todos os sofrimentos do corpo e da vida, sempre que puder’<sup>c</sup> – significa a vida do nosso ‘irmão’ em primeiro lugar. No entanto, em uma consequência posterior, significa: cada vida humana é moralmente ‘sagrada’ – incluindo a vida de alguém – na perspectiva cristã. A preservação da vida – e a vida de alguém não é excluída – é um dever. E a destruição ou dano – de novo, incluindo a vida de alguém – é um pecado moral. ‘Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado’ (I Cor 3:16-17).

Como esses deveres morais, segundo o 5º mandamento com relação à vida de alguém, devem ser aplicados na prática da vida real? Não tirando a vida de alguém, não a encurtando, não a prejudicando ou pondo em perigo, não enfraquecendo a própria saúde de alguém pela falta de castidade, excesso de comida e bebida, fúria, imprudência e ousadia, etc. Proteger a virtude sexual e evitar o abuso de bebidas alcoólicas são importantes. No que diz respeito ao primeiro item, o julgamento do Novo Testamento é bem claro: ‘Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo’ (I Coríntios 6:18). Porém, é um dever para a pessoa não fornicar e evitar tudo que a levaria à falta de castidade: olhares desonestos, conversas imorais ou de duplo sentido, danças, vestimentas, etc. Quanto ao alcoolismo, a atitude do cristão se baseia no reconhecimento de que ‘o vinho mata muitas pessoas’ (Ecl 31:30), isto é, o álcool compromete a vida e traz grandes perigos à saúde.

Os deveres em relação à vida de alguém não entram em conflito com os deveres em relação ao irmão? Não é necessariamente o caso. Pelo contrário: quem cumpre seus próprios deveres com si mesmo evita muitas maneiras de prejudicar outras pessoas. Isso pode ser mostrado no tocante às questões já mencionadas sobre o sexo e o álcool: quem cai na dependência e na falta de castidade compromete e enfraquece a si mesmo em termos físicos e psicológicos. As doenças venéreas também são uma ameaça. A fraqueza e a doença fazem com que a vítima seja um peso cada vez maior para a comunidade e essa situação prejudica a todos. Se a pessoa tiver descendentes, eles também são prejudicados, já que podem herdar uma natureza fraca ou doente, gerando responsabilidades adicionais e causando danos à comunidade. Quem, no entanto, protege a vida de alguém nesse sentido cumpre o seu dever também em relação à comunidade. Com o álcool, é a mesma coisa: aqueles que são dependentes do consumo de álcool podem eventualmente se expor aos perigos físicos e espirituais mais severos. E, assim, não somente prejudicam a si mesmo, mas também a sua própria família, descendentes, pais e raça<sup>d</sup>. E de novo: se uma pessoa se protege nesse sentido contra o perigo, ao mesmo tempo faz o bem ao próximo e a todo o seu país.

### **O Imperativo Bioético**

O 5º mandamento adverte: “Não matarás”. O termo matar sempre significa matar algo vivo. Os entes vivos são, no entanto, seres humanos, animais e plantas. Visto que o 5º mandamento não proíbe matar exclusivamente os seres humanos, não deveria ser aplicado aos animais e às plantas de forma análoga?

Porém, os animais e as plantas estão tão próximos de nós que devemos reconhecê-los e tratá-los como nossos irmãos? Quando analisamos as publicações da ciência moderna, encontramos imediatamente estudos semelhantes de seres humanos e animais como objetos de pesquisa na fisiologia e na psicologia. Hoje, tal igualdade de tratamento não está reservada, conforme já mencionado, aos seres humanos, porque métodos similares são aplicados no campo dos animais e, como há uma pesquisa comparativa anatômico-zoológica, são realizadas muitas comparações entre a alma humana e alma do animal<sup>e</sup>. Até os primórdios da psicologia das plantas são reconhecidos,

c. Cf. Explicação de Lutero sobre o 5º Mandamento.

d. O álcool é ‘o pior inimigo da nossa raça’, cf. o folheto com esse título de Wilhelm John, analisado no n. 2 da ‘Ethik’.

e. Entre as publicações recentes da psicologia animal, as recomendáveis são principalmente: Sommer, Tierpsychologie, Leipzig 1925. Alverdes, Tierpsychologie, Leipzig 1925.

– os mais conhecidos entre eles são G. Th. Fechner<sup>f</sup> no passado, R. H. France<sup>g</sup>, e Ad. Wagner<sup>h</sup> na atualidade – e a psicologia moderna inclui todos os seres vivos na sua pesquisa. Sendo assim, a consequência é que apenas E. Eisler<sup>i</sup> fala da Biopsicologia de modo resumido.

A partir da Biopsicologia, há somente uma pequena etapa para a Bioética, isto é, a suposição de deveres morais com os seres humanos e todos os seres vivos. Na verdade, a bioética não é uma descoberta de hoje. Montaigne<sup>j</sup> – como o único representante antigo da ética moderna do sentimento – já garante a todos os seres vivos o direito de serem tratados com base nos princípios morais: devemos justiça aos seres humanos; compaixão e misericórdia com todos os seres vivos, capazes de se beneficiarem de tal. De modo semelhante, Herder<sup>k</sup> pede que os seres humanos – seguindo o modelo de Deus em seus sentimentos – se coloquem no lugar de cada ser vivo e sintam o mesmo que ele. Essas linhas de pensamento continuam com o teólogo Schleiermacher<sup>l</sup>, que classifica como imoral destruir a vida e formação – onde quer que estejam, isto é, incluindo animais e plantas – sem argumentos cabíveis para fazê-lo. Assim, o filósofo Krause<sup>m</sup>, contemporâneo de Schleiermacher, pede que cada ser vivo tenha o seu valor como tal e não seja destruído sem motivos. Isso é porque plantas e animais, como os seres humanos, gozam do mesmo direito, mas não é totalmente igual; cada um é só uma pré-condição para alcançar o seu destino. Schopenhauer<sup>n</sup> refere-se ao campo de pensamento indiano, enfatizando a compaixão como o motivo mais importante da sua ética e pedindo-a também para com os animais. Richard Wagner, bastante influenciado por Schopenhauer e adepto fervoroso da preservação dos animais, tornou esses pensamentos populares.

No tocante aos animais, o pedido moral tornou-se compreendido por um longo tempo<sup>o</sup>, pelo menos dessa forma, para não ferir os animais sem razões. Com as plantas, é diferente. Todavia, em relação aos novos co-

nhcimentos biológicos e biopsicológicos (ver acima) e aos círculos de pensamento que mencionei de Montaigne, Herder, Schleiermacher e Krause, os deveres morais com as plantas ficam evidentes. Para a argumentação puramente sentimental e poética, esse reconhecimento não é novidade. Deve-se lembrar de Goethe, que, em *Faust*, chamou as plantas de irmãs, ou de Parsival de Richard Wagner: ‘as pessoas piedosas e devotas, pelo menos na Sexta-Feira Santa, protegem as ervas daninhas e flores no prado ao caminhar com cuidado para não machucá-las’. Temos de levar mais a sério as reflexões éticas sobre as plantas tratadas por Ed. von Hartmann<sup>p</sup>. Em um artigo acerca do luxo das flores, ele escreve sobre uma flor colhida: ‘É um organismo morto, mas somente suas cores não foram destruídas até agora. Ainda existe uma cabeça ali, viva e sorrindo, separada do tronco. Quando ponho a rosa em um copo de água, não posso lutar contra o pensamento de que o homem matou uma flor com o único intuito de apreciá-la com os olhos – insensíveis! – para não sentir a morte inatural sob o aspecto da vida<sup>q</sup>. Os requisitos da ética das plantas que levam a esse reconhecimento são muito claros.

Quanto à realização potencial de tais deveres morais com todos os seres vivos, isso pareceria utópico. Porém, não podemos ignorar que as obrigações morais com um ser vivo se relacionam às suas ‘necessidades’ (Herder), e respectivamente ao seu ‘destino’ (Krause). Assim, as necessidades dos animais parecem ser menores em termos de quantidade e menos complicadas em termos de conteúdo do que as dos seres humanos. Isso se aplica ainda mais às plantas, a fim de que as obrigações morais com elas devam proporcionar menos complicações do que as dos animais, pois são menores (se não forem em termos conceituais, são em termos práticos). Aqui entra em jogo o princípio da luta pela vida que também modifica nossas obrigações morais com os irmãos em uma escala superior.

f. G. Th. Fechner. *Nana oder das Seelenleben der Pflanze* [1848; 5a ed. 1921].

g. R. H. France. *Pflanzenpsychologie als Arbeitshypothese der Pflanzenphysiologie*. Stuttgart; 1909.

h. Ad. Wagner. *Die Vernunft der Pflanze*. Dresden; 1928.

i. E. Eisler. *Das Wirken der Seele*. Stuttgart; 1908.

j. Montaigne, *Ensaio*.

k. Herder. *Ideen zur Geschichte der Philosophie der Menschheit*.

l. Schleiermacher. *Philosophische Sittenlehre*. Kirchmann; 1870.

m. K. Chr. Fr. Krause. *Das System der Rechtsphilosophie*. Roeder, Leipzig; 1874.

n. Schopenhauer. *Über das Fundament der Moral*.

o. O livro mais abrangente dessa área é ainda de Bregenzer. *Tierethik*. Bamberg; 1894.

p. As pré-condições psicológicas são discutidas em W. von Schnehen. Ed. von Hartmann und die Pflanzenpsychologie. Stuttgart; 1908.

q. Ed. von Hartmann. *Der Blumenluxus*; 1885.

Dentro desses limites, sempre haverá possibilidades suficientes para ações bioéticas. Os parágrafos da proteção aos animais nos códigos penais de várias nações civilizadas<sup>r</sup> orientam sobre isso. Veja a nova Lei de Reich sobre os Animais. Com relação à ética das plantas, somos guiados pelos nossos sentimentos; assim, ela nos impedirá de colher flores e jogá-las logo fora de forma displicente ou decapitar as plantas com uma bengala ou quando acharmos inconcebível reconhecer o impulso destrutivo e irracional de rapazes arruaceiros ao cortarem a copa de pequenas árvores ao longo da estrada. Além disso, o luxo excessivo da flor – no ensinamento de Ed. von Hartmann – não é moralmente refinado e pode ser evitado.

Resumindo, o campo da autoridade universal do 5º mandamento vem à tona e precisa ser aplicado a todas as formas de vida. Uma transcrição do 5º mandamento resulta no Imperativo Bioético: *Respeite cada ser vivo por questão de princípios e trate-o, se possível, como tal!*

## 10. FÉ NO FUTURO E ÉTICA NO CRISTIANISMO, 1934

### Uma Contemplação Pós-Páscoa

Quando ouvimos conscientemente a palavra ‘Cristianismo’, percebemos que a crença em Cristo é essencial no Cristianismo. em um estudo mais profundo, descobrimos que essa fé está relacionada à ressurreição de Cristo. Não temos de provar aqui. É necessário somente um único exemplo muito instrutivo: em Atenas, quando Paulo pregou entre um grupo de filósofos, sua principal mensagem foi ‘Jesus e a ressurreição’ (Atos 17:18,31). E, na carta aos Coríntios, ele expressa o seguinte: um Cristianismo sem a ressurreição de Cristo não é Cristianismo (cf. 1. Cor 15:14 e 17). A crença na ressurreição pascal é, ao mesmo tempo, uma crença na ressurreição daqueles que foram salvos em Cristo. Ou seja: a Fé em Cristo é uma fé na vida vindoura<sup>s</sup>.

Por outro lado, o Cristianismo é muito valorizado como religião de amor e assim deve ser. De novo, não há necessidade de provar isso aqui: no Novo Testamento, o mandamento de amor fraternal, de amor ao próximo e até de amor ao inimigo nos confronta cada vez mais e, desde o início até hoje, o amor é expandido e pratica-

do nas situações mais terríveis. O trabalho da educação dos jovens, a ajuda dada aos idosos e o cuidado com os pobres, enfermos, frágeis, derrotados e abandonados são louváveis na história da caridade. Esse trabalho também deu origem a outros úteis – dos quais seu professor se esqueceu há muito tempo e talvez até os desprezou.

Ao longo dos últimos séculos, a crença cristã no futuro apresentou mais dúvidas e rejeições do que antes. Em contraste a isso, a ética cristã manteve sua base e é amplamente respeitada, mesmo quando se deseja uma crença na mensagem pascal. Pode-se entender essa distância de uma crença no futuro [*Jenseits*] e com relação à ética cristã como um sinal dos tempos. No entanto, seria inapropriado separar um do outro porque são dependentes.

Por um lado, a crença no futuro é bem fundamentada na ética: quando sabemos os mandamentos de Deus, que consideram a vida como sagrada<sup>t</sup>, é uma conclusão óbvia acreditar que Deus iria, de acordo com seus mandamentos, ver e tratar suas criaturas como sagradas e não as deixaria morrer. Essa é uma das raízes éticas da crença no futuro. Outra é a seguinte: no final, todas as boas pessoas encontrarão suas recompensas, da mesma forma que todas as más as colherão. É claro que essa não é a regra desta vida e isso se torna um axioma de fé na bondade e na sua vitória final na vida vindoura.

Assim como a crença no futuro recai sobre as considerações éticas, a ética carrega a estampa de uma crença no futuro. A ética provém de uma grande força e confiança da expectativa da vitória do bem, que a crença no futuro confirma.

A partir disso, aprendemos: quem não pode se ajustar apropriadamente à crença cristã no futuro – e que inclui mais cristãos do que as igrejas têm capacidade para confessar – e está ciente do valor da ética cristã, ele/ela pode, por meio da ética, chegar a um entendimento mais profundo da crença no futuro e contemplá-la muito mais.

## 11. A IMPORTÂNCIA ÉTICO-SOCIAL DO DOMINGO, 1934

O descanso semanal e o feriado na cultura caucasiano-ocidental vêm da Bíblia. Entretanto, o verdadeiro significado desse dia continua confuso para os seguidores. Quando questionados, o que respondem? ‘O domingo é

r. Pela primeira vez, o material foi reunido e analisado de forma abrangente em R. von Hippel. Die Tierquälerei in der Strafgesetzgebung des In- und Auslandes. Berlin; 1891.

s. Cf. ‘Vom Leben nach dem Tode’, 11(2):50.

t. Cf. ‘Drei Studien zum 5. Gebot’, 11(4):183.

para lembrar a ressurreição de Jesus'. É verdade. E os cristãos devem se lembrar desse fato tão importante de fé todos os dias da semana. Outra resposta seria: 'Um dia livre de trabalho no fim de semana é um lembrete do término da criação de Deus'. Também é verdade. E o seguidor não deve se esquecer de seu Criador durante a semana. Ou: 'Nos domingos, você deve ouvir a palavra de Deus e de alguma forma servi-lo'. Também é verdade, mas não se precisa de um dia sem trabalho para tal; isso pode ser feito também nos dias da semana. Em alguns casos, o trabalho é visto como um serviço a Deus e o descanso de domingo até seria uma prova de impedimento no nosso serviço a Deus. O que é importante?: não trabalhar e nem pedir aos outros que trabalhem.

De um ponto de vista idealístico, estar livre do trabalho parece estranho. O trabalho é indispensável de três formas: é um instrumento necessário do amor ou, em uma linguagem mais moderna, de um dever social consciente. É, ainda, uma necessidade prática. Por fim: trabalhar com senso e propósito é um prazer – produzir valor (*Werte schaffen*) cria um senso de valor (*Wertgefühl*).

Infelizmente, esse benefício triplo de trabalho é sempre perdido porque falta amor – o senso de dever social. Pelo contrário, encontramos egoísmo na cobiça e sede pelo prazer. Mesmo que o governo da Alemanha tentasse hoje uma mudança, continua sendo verdade que a humanidade como um todo permanece a mesma. Tal egoísmo somente conhece seus próprios interesses. As preocupações com os outros não são importantes e são ignoradas de forma conveniente, exceto se servirem como vantagem própria. Esse sentimento gera desconfiança e combatividade e, assim, as bênçãos do trabalho são perdidas. Dessa forma, as pessoas transformam o trabalho em um tipo de luta e que, infelizmente, isso significa irmãos lutando contra irmãos.

Tal luta não perde seu rancor somente quando mostra uma "competição amigável". Assim, as pessoas criam em seu trabalho tormentos e aflições bem piores do que seriam. As gotas de suor produzidas por essa luta criada pelo homem queimam e corroem muito mais do que as que o trabalho isolado proporcionaria. Esses pesos gerados pelo homem são muito mais pesados do que os de outros eventos naturais e diários – para os seguidores, são as parcas enviadas por Deus (Gen 3:18,19) que servem o homem para o melhor no final (Rom 8:18,28). Sob essas

circunstâncias, os prazeres do trabalho podem amargar as pessoas ou até ser tirados completamente.

Aqui o dia livre de trabalho semanal é de grande ajuda. Quando o trabalho está em repouso, pode haver também a cobiça e a inveja. Quando o trabalho está em repouso, a luta pela existência, sobrevivência e pão diário descansa também – essa luta que coloca o homem frente a frente do outro, em vez de superar fardos comuns de forma unida. Nesses dias, o clima de domingo dá a paz a todos os espíritos. Em tal dia de paz, pode-se ouvir mais claramente as palavras de amor que, por outro lado, são abafadas pela agitação do mundo. Nosso coração pode encontrar com facilidade o caminho para o outro e as pessoas e os espíritos se aproximam. Mesmo se o amor tiver primeiro apenas o poder de deter certas ações – há então uma infinidade de ações que deveriam parar a partir da compaixão e do amor – é um benefício cultural muito grande para a cultura ética e a cultura 'social'<sup>u</sup>.

É um benefício especial se tal dia de descanso não for restrito a um pequeno grupo de pessoas. Não é só para os ricos, mas também para os pobres, não só para o patrão, mas também para o servo e a empregada doméstica, não só para o empresário, mas também para a sua equipe de trabalho. Até mesmo o pobre animal que trabalha precisa de um dia de descanso. É uma bênção para toda a humanidade não apenas para aqueles que seguem a Bíblia; independentemente da Bíblia Cristã, é uma bênção para todos os seres vivos. Estabelecer um dia de descanso para todos, independentemente da sua posição social ou econômica ou fé, é uma conquista extraordinária de grande valor ético e social de um ponto de vista histórico.

O fato de o seguidor reconhecer isto como instituição social, ou seja, o dia de descanso ser baseado na revelação e amor de Deus, e respeitá-lo como um dos primeiros mandamentos (em terceiro ou quarto lugar) faz brilhar uma luz em sua fé. Esta luz é até mais brilhante por não ser uma nova reflexão ou uma adaptação de outra fé, mas é um pensamento original essencial interior. E, mesmo que tenha sido formalmente ordenado pelo governo (Imperador Constantino no ano 321 depois de Cristo decretar a primeira lei de domingo), o pensamento em si se originou na Bíblia e os seguidores o haviam observado em seus pequenos círculos há muito tempo. Se o conceito não tivesse surgido lá primeiro e fosse estabelecido, a humanidade poderia até hoje estar sem qualquer

u. Também: 'Não é apenas por razões éticas para respeitar o feriado de domingo, muito mais [...] também pela saúde'; cf. Abderhalden 'Die Bedeutung der Sonntagsruhe im Lande' [O Significado do Descanso de Domingo]. In: 'Ethik', 10(4):241.

dia de descanso e sem qualquer trégua na dura luta pela existência – por intermédio de pessoas que se privaram de qualquer santidade dia após dia, semana após semana, ano após ano, ‘até que ele retorne à terra, da qual ele foi tirado’ (Gen 3,19). Assim, a importância ético-social do dia de descanso semanal é significativa e confirma ao mesmo tempo a origem bíblica do dia de descanso até hoje.

## 12. DÚVIDAS SOBRE JESUS? 1934<sup>v</sup>

Em *Parsifal*, o modelo do ‘tolo puro’ [*reiner Tor*] é encarnado. Pensamentos semelhantes surgem de duas das beatitudes no Novo Testamento: ‘bem-aventurados os puros de coração!’ (Mt 5:8); ‘Bem-aventurados os pobres em espírito!’ (Mt 5:3). Além disso, recordamos da história de Cristo que fez seus discípulos se lembrarem de seguir o exemplo das crianças, inocentes e descomplicadas (Mc 10:15). Em harmonia com isso, Wagner se opõe de forma veemente à intelectualidade, que ele vê tomando um caminho errado. Ele observa principalmente os novos rumos das ciências naturais; estas declaram que o mundo só consiste em ‘matéria e energia’, que consideram filosofia e religião como rudimentos do passado de modo desdenhoso e negam qualquer forma de intuição religiosa. No entanto, seria errado levar em conta a premissa de Wagner como: ‘Desprezar qualquer razão e a ciência!’. Sua ira não é dirigida às ciências, mas à parcialidade racionalista e às distorções materialistas. O conhecimento puro é de alto valor incomparável a ele. E como podemos consegui-lo? Pelo amor que, na visão de mundo pessimista de Schopenhauer (compartilhada por Wagner), pode apenas manifestar-se em compaixão. ‘Instruído por compaixão’ [*durch Mitleid wissend*].

E o desenvolvimento de Parsifal a esse respeito? A primeira etapa de Parsifal nessa estrada é ser capaz de sentir dor por ter matado um cisne no momento de arrogância (Wagner, seguidor de Schopenhauer, considerava animais e pessoas como idênticas na natureza [*wesensverwandt*]). Quando é levado para dentro do Templo do Graal, Parsifal fica profundamente comovido ao ver o rei do Graal Amfortas infeliz deitado em sua cama gemendo de dor. Assim que ele aprende no jardim encantado de Klingsors, ele ganha sabedoria para compreender a dor de Amfortas, ou seja, a maior dor em angústia espiritual sofrendo de culpa; ele ganha essa maior sabedoria pela empatia e

compaixão. Agora: ‘por meio da compaixão, ele tornou-se “conhecido e sábio” [*durch Mitleid wissend*]’.

O significado do exposto acima é claro – também para religião: não é intelectualismo de modo unilateral, mas ‘o poder que a compaixão confere ao amor’ [*des Mitleids Liebesmacht*] que nos leva ao conhecimento da verdade: ‘Sabendo por meio da compaixão’. Ele também se aplica à verdade da religião: ‘Amar a Deus é a sabedoria mais doce’ (Jesus Sirach 1,14).

Podemos conceituar da mesma forma filosófica o que Wagner encontrou por intermédio da intuição na arte? O amor, revestido de compaixão e dirigido para o bem-estar dos outros, é, acima de tudo, um fato curioso da ‘emoção humana’ [*Gefühlsleben*]. Sentir e exercer um amor abrangente representa a maior felicidade e benção, até o ponto que sabemos. A realidade dessa felicidade resistiu a todas as dúvidas; para, quem se sente feliz, ele também é feliz. Aqui, aparência e realidade são idênticas. Ainda faz sentido tentar diferenciá-las? Aqui o amor está muito bem adequado para ser a base de mais conhecimento, o conhecimento da verdade em intuição religiosa.

O passado parece retratar a visão de mundo religiosa de ‘Parsifal’ como uma religião budista baseada na compaixão por meio das intuições de Schopenhauer. Schopenhauer considera esse tipo de religiosidade contrária ao Cristianismo que é, no entanto, incorreta. A compaixão muito valorizada nos leva ao centro do pensamento cristão. O Cristianismo tem o amor (com a compaixão fazendo parte dele) na mais alta estima, acima do que se pode chamar cognição, conhecimento ou sabedoria (1 Cor 13). Nietzsche, que apresenta um entendimento diferente do Cristianismo, ataca severamente Wagner e ‘Parsifal’ e prova que estamos lidando com princípios cristãos. Isso continua a ser verdade para a religião cristã: o amor (mostrado como empatia e compaixão) é a base e premissa para qualquer concretização da verdade.

De forma exclusiva e singular, é o amor que determina o nosso relacionamento com Jesus. O seu sofrimento é uma ‘oferta de amor’ [*Liebesopfer*] a partir da misericórdia e compaixão. Após a sua morte na cruz, ele se aproxima de seus seguidores de modo místico por meio do ‘poder do amor da compaixão’ [*des Mitleids Liebesmacht*], a Santa Ceia, que se tornou agora uma ‘refeição de amor’. Isso está de acordo com o amor entre o homem salvo e o Salvador, para que as vozes celestiais possam soar no Templo

v. Contemplação após ‘Parsifal’ de Richard Wagner; cf. ‘Our Doubts about God’, Nov/Dez 1935;10(2):115.

de Graal: ‘pegue meu corpo, pegue meu sangue em nome do nosso amor’.

Aqui, também, o amor significa conhecimento. E, quem, por meio do amor, encontrou a certeza de que Jesus é o portador da salvação [*Bringer des Heils*], dirimiu todas as dúvidas, ‘abençoado no amor, abençoado na fé’.

### **13. REFLEXÕES ÉTICAS SOBRE AS CONTROVÉRSIAS DENTRO DA IGREJA, 1935**

O Cristianismo se dividiu em centenas de direções, quer em denominações, igrejas independentes, seitas, congregações e outras. Esse cenário é, com certeza, lamentável. Além disso, essa divisão não está no espírito de Cristo. Tal expressão de múltiplas facetas, no entanto, faz sentido a partir de um ponto de vista psicológico. A religiosidade genuína é uma questão muito pessoal da alma humana individual.

Quanto mais tenaz e intensa for a devoção religiosa, mais prováveis serão as gradações decisivas das diferenças entre os vários povos e grupos para que duas crenças não se pareçam. Talvez as muitas formas de crença atestem a força da religião e, desse ponto de vista, poderiam ser um bom sinal. A riqueza das formas de crença não deve causar agitação religiosa entre os cristãos. Tal perigo é muito real e, desde o passado até o presente, sempre acontece a mesma coisa: as igrejas cristãs, que são exclusivamente pioneiras em suas obras de caridade (um modelo para toda a cultura moderna), alimentam pouquíssimo esse amor nos comportamentos de uns em relação aos outros em matéria de opiniões religiosas diferentes. Em vez da paz, que Cristo espera, encontramos intolerância, desarmonia, brigas e controvérsias – e poder-se-ia chamar isso de norma. Não é necessário e não deve ser assim.

Tome nota. Como as visões cristãs de múltiplas facetas são um sinal positivo, uma discordância objetiva ou luta – se você quiser chamar assim – poderia ser útil e necessária. Porém, essa “luta” entre os cristãos deve aderir aos padrões cristãos e ao espírito cristão, o que demora muito. Discutirei três pontos importantes de conceitos cristãos sobre essa luta, que devem ser observados:

1. É preferível ficar de olho no que nos une antes daquilo que nos divide<sup>w</sup>.

Essa questão importante é central para qualquer forma de igreja cristã: como nos diferenciamos dos outros cristãos? Na igreja evangélica [*Staatskirche*], essa pergunta é: o que nos faz diferente das outras igrejas livres e seitas protestantes? Como o nosso ponto de vista se difere dos católicos? Essas perguntas devem ser muito semelhantes nas igrejas livres e católicas. Poucos catecismos dedicam uma seção especial para isso. Tais temas fazem parte da escola e dos exames universitários. Conhecer essas diferenças é importante (deve-se saber o que torna uma igreja especial), mas é muito mais importante saber o que realizamos em comum. E a base comum consiste em muito mais do que uma reunião casual mostraria.

2. Ao lidar com as diferenças, não se deve exagerar na fraqueza conceitual do outro e permanecer em silêncio sobre os aspectos positivos.

Tudo feito pelo homem é incompleto e não é, de modo algum, difícil encontrar deficiências, especialmente se houver tentativas. Isso se aplica a todas as concepções religiosas e suas expressões – incluindo as cristãs. Em outras palavras, é sempre, de alguma forma, possível achar pontos fracos e falta de integridade em teorias e práticas de outros cristãos – com tendência a exagero. Ao mesmo tempo, quando você não disser nada sobre os pontos bons disso de maneira conveniente, será eficaz em termos táticos: você pode dar um golpe. Tais táticas são, sem dúvida, muito humanas, mas é bem incompatível com a ética cristã.

3. Os verdadeiros erros ou as deficiências reais na crença do outro devem ser rejeitadas, no entanto, de modo mais objetivo e sem exaltação.

Falando de maneira metafórica, não se pode ignorar a cor branca ou mesmo alterá-la para a preta. A verdade e a justiça não deixariam sob nenhuma circunstância. Claramente, pela mesma razão, a cor preta pode não ser omitida ou coberta pela cor branca. Tenho de repetir: os erros devem ser verificados para além de qualquer dúvida. Deve-se ter muita cautela com a crítica negativa; sobretudo na área da religião – incluindo a cristã – é muito perigoso julgar uma suposta verdade e justiça, ou seja, cometer equívocos. De fato, se uma verdadeira negação for justificada e necessária, deve-se sempre prosseguir na forma mais objetiva e sem qualquer exaltação, a saber: sem indício de grosseria, sem animosidade e ódio, sem

w. Cf. os esforços do movimento dos ‘cristãos alemães’ em Thuringia [Thüringer ‘Kirchenbewegung Deutsche Christen’] e uma análise de suporte de Erich Friebe In: ‘Ethic’, 11(5):213ff.: ‘Church of Love’ [Die Kirche der Liebe].

arrogância e excesso de sabedoria, sem conflitos e críticas exageradas, e sem desejo de errar.

Por fim, deve-se ter consciência de que uma religião apresenta deficiências e fraquezas, para as quais um julgamento ameno é tomado por certo. Tal consciência deve ser satisfatória para ocorrer um julgamento mais suave com relação às deficiências das outras pessoas.

#### **14. FÉ E OBRAS: OPOSIÇÃO E ALIANÇA, 1935**

O filósofo Kant afirma que a boa vontade é, por si só, boa de modo suficiente. Ou seja: pode-se atribuir legitimamente a designação de bom apenas à vontade. Na fala cotidiana, seria: Tudo depende da vontade, do coração, do caráter [*Gesinnung*]. As obras das pessoas são boas se as atitudes de onde procedem forem boas.

No entanto, alguém não pode examinar o coração do outro. Mesmo revisando a própria obra de uma pessoa, erra-se, muitas vezes, acerca do verdadeiro motivo: acredita-se geralmente nas boas intenções, o que está sempre longe de ser verdade. Na vida prática, na maioria das vezes, não refletiremos do caráter em ações, em vez das ações em caráter (Mateus 7:16,20: ‘pelos seus frutos os conhecereis!’). O mesmo ocorre no ‘Imperativo Categórico’ de Kant [*Kategorischer Imperativ*]: ‘Aja de tal forma que as máximas de suas ações também podem servir como princípio para a lei comum!’. É uma chamada para boas ações em que o bom resultado não é determinado pelo caráter [*Gesinnung*], mas, por coisas muito reais, como, por exemplo, bem comum. Por um lado, as intenções são o que contam; por outro, são as ações. Parece contraditório, mas não é. Naturalmente, uma boa vontade honesta é a condição para as ações, se puderem ser chamadas de boas. Todavia, mesmo se a ação vier de forma lógica após a intenção, a ação é o critério para medir a intenção. Não há boas intenções verdadeiras se as boas ações não as obedecerem, assim como nenhuma ação boa pode ocorrer sem boas intenções. Intenções e ações ou ações e intenções estão em pé de igualdade e são inseparáveis na prática, mesmo se não for na lógica.

Aplicando esses fatos ao Cristianismo, usar-se-ia a fé para compaixão – e os atos no lugar das ações – assim: fé e ações, ações e fé, são praticamente inseparáveis. Esse aspecto nunca foi desconhecido para as igrejas. Às vezes, no entanto, fé ou ação foi considerada como a mais impor-

tante e isso levou a todos os tipos de mal-entendidos entre aqueles que tinham opiniões diferentes sobre a maior importância de uma ou de outra. Quanto mais um lado exagerasse, mais o outro exageraria, de forma consciente ou inconsciente. Do ponto de vista humano, essas frações são bastante compreensíveis. É, contudo, lamentável, pois as partes em desunião poderiam muito bem ter encontrado uma base comum.

Tome por exemplo o pensamento católico na Idade Média. Nunca se foi ensinado que o caráter [*Gesinnung*] não conta, e, assim, por ex., não seria necessário acreditar em Deus. Todavia, o fazer foi mais enfatizado do que a fé, o que é compreensível: outros podem ser enganados por uma disposição de caráter amável presumida ou suposta – e até pelo eu. Isso devia ser evitado naquela época e hoje também. Mesmo se as boas e verdadeiras intenções estivessem presentes e fossem muito frágeis, impossibilitadas com facilidade por medo ou preguiça ou por qualquer impedimento, isso não seria certo. Um foco sobre a importância das ações não desrespeita o papel da disposição do caráter. Aqui surgiu um mal-entendido: alguém poderia fazer isso ou aquilo, por exemplo, dar uma quantidade em dinheiro para obter carta de indulgência, ajudar na construção de uma igreja ou algo parecido, independentemente do caráter. Sem dúvida, esse foi um conceito errôneo. As então chamadas boas ações não eram boas ações. Para o que deriva de falta de caráter [*Gesinnungslosigkeit*] ou até de mau-caratismo [*üble Gesinnung*] não pode ser chamado de bom. Tais ações são, em geral, chamadas de ações mortas, que foram um pecado contra o espírito da religião cristã que prevalecia sobretudo na Idade Média. Uma igreja com hábitos externos [*Gewohnheitskirchentum*] foi a consequência.

Lutero e seu movimento de reforma lutaram contra esse tipo de pecado. Ele disse: ações sem caráter [*Tun ohne Gesinnung*], ou seja, ações sem fé, não são nada.

Caráter e fé são o que contam. Em nenhum momento, Lutero quis dizer que as ações das pessoas não importam ou que a humanidade não tem deveres éticos. Não era necessário levantar essa questão porque é evidente: apenas como intenção de caráter genuíno, a fé influenciará cada ação. Portanto, é importante que a fé esteja lá. Essa ênfase na fé foi essencial, já que se expuseram os erros dos piedosos da Idade Média, isto é, ações mortas, e se pediu que fossem evitados. Assim, esse curso errôneo foi interrompido.

Todavia, ao longo do tempo, outro erro surgiu no sentido oposto. Foi aceita a opinião de que a fé não influencia e nem precisa influenciar as ações. Isso ainda provou ser mais confortável: alguém não necessita se preocupar com nada e se sentir irrestrito em suas ações, tendo, assim, desculpas para os outros e para si mesmo: ‘como as ações não importam, apenas a fé conta e eu a tenho’. Quem fez essa afirmação esqueceu-se de que tal fé – se ele/ela, que finge, realmente a tiver – não é verdadeira. Uma intenção que não levará a ações ou pelo menos a uma tentativa honesta não é autêntica. Considerando que os religiosos da Idade Média tinham ações mortas, os tempos após Lutero sofreram uma ortodoxia morta, ou seja, uma atitude de fé ortodoxa morta [*Rechtsgläubigkeit*]: “Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2:14-17). Há também aqui um hábito externo da Igreja [*Gewohnheitskirchentum*] que é seguido. Deve ser enfatizado que esse erro não teve nada a ver com os ensinamentos de Lutero. Porém, foi o que aconteceu e a situação ficou pior do que a luta e superação de antes. Qualquer ação, que não tem a intenção do caráter, é duvidosa. É, no entanto, algo evidente e pode ser útil em termos práticos. Uma atitude de caráter – ou de caráter imaginado – sem ações ou, pelo menos, vontade de agir é conversa vazia (se não houver mentiras) e inútil em qualquer caso (Uma comparação: quando as ordens de um estado que não atendem à aprovação de seus cidadãos são seguidas só porque são exigidas, tal atitude é lamentável e pode ser tolerável em extremos. Contudo, seria mais inaceitável, se alguém, expressando seu consentimento livre e alegre, nem tentasse seguir as ordens).

A fé morta descrita acima e em conformidade com os hábitos externos da Igreja causou reações no século XVIII, mas não provocou uma recaída até o erro antigo que Lutero descobriu e lutou. As Pietistas devem ser nomeadas primeiro (A.H. Francke e sua fundação em Halle, Zinsendorf, e a comunidade de Herrnhut Brethren são também conhecidas por não-teólogos). Os metodistas apareceram nas regiões de língua protestante [*Sprachregion*]. As Pietistas exigiam, em vez de fé ‘morta’, uma fé ‘viva’, associada com a caminhada de um cristão piedoso. Foi chamada de consagração [*Heiligung*], que significa, em outras palavras, que a crença na fé da vida real não pode existir sem um impacto sobre o estilo de vida e as ações. O movimento de consagração deu nova vida para

a caminhada cristã. Quase ao mesmo tempo, mas de uma mentalidade diferente, o Iluminismo alemão [*Aufklärung*] seguiu a mesma direção. Como exemplo, exponho alguns versos do poema “*The active Faith*” [*Der tätige Glaube*] de Gellert: ‘Quem não guarda a palavra de Deus e diz “Conheço Deus!”, é mentira. Só então agrado a Deus quando pratico obediência. Um Cristianismo ativo diário é fruto e glória da fé’.

Esse é um reflexo do iluminismo na religião, que valoriza muito o lado prático e ético do Cristianismo, ao contrário da santificação das Pietistas exigindo ‘virtude’ (santificação e virtude são comparáveis, sem ser iguais: salientam as ações em contraste à fé morta).

Pensamentos e ideias também surgiram como reação à fé morta fora dos conceitos cristãos de fé. Kant já foi mencionado no início deste artigo: quando ele diz que a vontade por si só é boa, significa que tudo depende do coração e da intenção. Como a intenção caracteriza-se pela vontade, a ação é o objetivo de forma inequívoca. No Imperativo Categórico [*Kategorischer Imperativ*], Kant adverte claramente a fazer o bem. Além disso, quando ele discute a ‘máxima’ das ações, revela que, conforme necessário, ele não esqueceu a importância das boas intenções e não repetiu os erros da Idade Média antes do tempo de Lutero.

Do lado de Kant e nesse contexto, Goethe precisa ser mencionado. No final de ‘*Faust*’, parte 2, a seguinte frase é indicativa: ‘podemos salvar quem se esforça e trabalha duro’. Em primeiro lugar: a intenção [*Gesinnung*] é o que conta. Ela se move para o campo da vontade e se volta claramente às ações. É interessante notar as semelhanças das palavras de Goethe com as de Wesley, fundador dos Metodistas, muito tempo atrás: ‘Não se esqueça: a recompensa será de acordo com seu trabalho, não de acordo com o seu sucesso’. Goethe enfatiza as ações no grande monólogo de Fausto na parte 1 da tragédia: ‘no Início foi a Ação’. Essas palavras permaneceram como um marco incontestável para a conduta humana e a consciência<sup>x</sup> cristã.

Schleiermacher, o teólogo mais bem conhecido desde Lutero, validou esses pensamentos e discutiu o conceito de santificação (provando que a fé é eficaz na vida) muito positivamente fazendo parte de seus ensinamentos teológicos<sup>y</sup>.

Ao longo do tempo, a situação mudou para melhor. Como alguns poderiam dizer, os católicos aprendem com os protestantes. Todavia, seja como for, parece que algu-

x. Cf. Nesse contexto: Abderhalden. In: ‘Ethik’ 12(4):151 ‘Se eu pudesse como gostaria, destacaria o que é básico, ou seja, a Cristandade das Ações’.

y. Schleiermacher. Der Christliche Glaube etc..., parágrafo 110-112.

mas das coisas das quais as igrejas foram acusadas na Idade Média agora foram corrigidas, se não removidas. Da mesma forma, os protestantes abandonaram o caminho errôneo de fé morta em favor de uma fé viva. Em outras palavras: o homem está trabalhando na direção de um Cristianismo de vida e ação. É essa maneira que pode se tornar cada vez mais a única.

## 15. TRÊS ETAPAS NA VIDA, 1938

### Contemplação que segue a 2ª Carta aos Coríntios 5:1-10 e o Credo Apostólico

Muito da filosofia (*Weltanschauung*) nos retoma à Bíblia. Esse fato é sempre esquecido. E, por isso, Gustav Theodor Fechner's (1801-1887) – cientista e filósofo – publicou a obra '*Büchlein vom Leben nach dem Tode*' [Livreto Sobre a Vida após a Morte] (1866). Encontramos os mesmos pensamentos na 'Grande Didática' [*Grosse Unterrichtslehre*] (concluídos em 1657) de Johann Amos Comenius (1592-1670), o pedagogo, confessor e cristão honrado bem conhecido - foi Bispo do *Bohemian Brethren*, ramificação da *Herrenhuter Brüdergemeinde*. Fechner e Comenius subdividem a vida humana em três etapas. Interessa a fase que vai além do que sabemos como 'esta vida' para a 'vida após a morte', ou seja, a etapa que representa a última e a maior etapa normalmente reconhecida.

Houve outro – muito, muito tempo antes de Fechner e Comenius – que percebeu a divisão da vida humana em três partes, enfatizando a 'vida após a morte': foi o Apóstolo Paulo. Samuel Keller as abordou de novo em seu livro '*Das Los der Toten*' [*The Lot of the Dead*], anteriormente intitulado de '*Auferstehung des Fleisches*' [*Resurrection of the Body*], publicado depois da 1ª Guerra Mundial.

Nossa consideração enfocará as palavras de Paulo em II Cor 5:1-10 que correspondem às três etapas da vida de Jesus, como o faz o Credo dos Apóstolos. Essas etapas são as seguintes:

#### Primeira Etapa

Nos primórdios, a vida existe na 'casa terrestre' do corpo [*in der Hütte*] (II Cor 5:1) (também II Pe 1:13,14) e na habitação celestial (II Cor 5:2) - e até na casa terrestre do corpo da mãe 'na carne' [*im Fleische*] (Gal 2:20; Filip.1:24; Col 2:1).

A primeira etapa da vida é a preparação para a segunda (e finalmente para a terceira). 'Para a qual não fomos colocados neste mundo para nada, aqui devemos amadurecer para a outra' (Matthias Claudius).

Jesus também teve de viver em uma moradia terrestre e maternal. Ele foi feito de carne e osso (Jo 1:14a). 'Ele foi feito à semelhança do homem: e como homem, foi submisso a si mesmo' (Filip. 2:7). O Credo fala da última parte da Sua vida humana mais pura: '*Padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado*'.

#### Segunda Etapa

O homem é *despido* (II Cor 5:4) ou está 'ausente do corpo' (II Cor 5:8). Deve-se observar: estar despido não significa em todos os casos estar nu. Segue o discurso do Apóstolo – alguém pode tirar as vestes de baixo e estar com roupas de dormir e ser normalmente considerado como não vestido. Mesmo se nu e despido, não se muda a pele de uma pessoa (é também um tipo de vestuário). Ao estabelecer a forma mortal, pode haver um 'intercorpo' [*Zwischenleib*] ou 'espírito-corpo' [*Seelenleib*], (expressões usadas por Keller).

Com o desaparecimento da vestimenta terrena, desaparecem a fraqueza corporal e as imperfeições; Paulo considera a liberação desse corpo como uma libertação (Romanos 7:24).

Esse estado ou local de 'estar despido' é a etapa média e também pode ser chamado de 'lugar intermediário' [*Zwischenort*], 'inter-reino' [*Zwischenbereich*] ou 'inter-mundo' [*Zwischenwelt*]. O Novo Testamento (no grego original) o chama de '*Hades*', palavra que também seria traduzida como submundo, mundo dos mortos, mundo dos falecidos, mundo das sombras, mundo das almas ou mundo dos espíritos. As condições desse mundo intermediário corresponderão ao modo como tentamos agradar a Deus (II Cor 5:9) de forma diligente e vivemos neste corpo, seja bom ou mal (II Cor 5:10). Encontraríamos um estado de repouso (Ap 14:13), similar ao sono (I Cor 11:30, 15:20; I Tess 4:13-15). Se esse estado significar a morte e se a palavra morte for utilizada, sempre referia-se a algo que terminará no despertar ou na ressurreição. Além disso, essa condição não precede o ouvir da voz de Jesus (Jó 5:25; I Pedro 4:6) ou descobrimos que o mundo dos espíritos tornar-se-iam uma prisão para nós (I Pe 3:19) ou um local de tormento (Lc 16:23,24) chamado de '*Tartarus*' (II Pe 2:4 no grego e no latim originais).

Por fim, um lugar abençoado pode nos esperar: ‘seio de Abraão’ (Lc 16:22), ‘paraíso’, ‘Elysium’ que ‘nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam’ (I Cor 2:9) e a comunhão próxima com Jesus Cristo, em contraste com o ‘*Tartarus*’, mencionado na Segunda Epístola de Pedro. Lembramos as palavras de Jesus na cruz. ‘Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso’ (Lc 23:43). O Apóstolo Paulo aguardou a mesma comunhão com Jesus: ‘tenho o desejo de partir e estar com Cristo’ (II Cor 5:8; Filip. 1:23). Compartilhamos essa expectativa e entoamos: ‘Deixe-me ir, deixe-me ir, que meu Jesus posso ver! Minha alma anseia por abraçá-lo para sempre e ficar diante do seu trono’ (Gustav Friedrich Ludwig Knak).

A música de Johann Hermann ‘*Oh God, you faithful God*’ também deve ser mencionada aqui, sobretudo o 7º verso: ‘Leve minha alma para sua alegria’. Como Jesus reagiu quando saiu de seu corpo? O Credo fala: ‘*desceu à mansão dos mortos*’.

É uma afirmação difícil, mesmo para os seguidores: O inferno não é o lugar de condenação eterna e o que Jesus estaria fazendo lá? Agora, Jesus não estava realmente no ‘inferno’ [*Hölle*]. Essa palavra somente aparece na tradução alemã do Credo. Na experiência decisiva com outras línguas, fala-se de submundo, mundo dos falecidos, mundo das sombras, mundo das almas ou mundo dos espíritos, já mencionado acima. De acordo com as escrituras e o Credo, Ele estava lá desde a tarde da Sexta-Feira Santa até a manhã do Domingo de Páscoa e pregou o evangelho aos ‘mortos’ (I Pe 4:6) e aos ‘espíritos em prisão’ (I Pe 3:19).

### Terceira Etapa

O homem foi ‘*revestido*’ (*überkleidet*) (II Cor 5:4). O vestido de todos os dias é transformado em vestido de dia sagrado, a cabana torna-se um palácio, o corpo natural fica espiritual e ‘transfigurado’ [*verklärter*] (Filip. 3:21). Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder (I Cor 15:42,43). Olhando para trás, também lembramos da música de Johann Hermann ‘*O God you holy God*’ em que a segunda parte do 7º e 8º versos contém a oração: ‘no túmulo santo do cristão, conceda um lugar de descanso ao corpo. Nesse dia, quando você ressuscitá-lo, estenda a mão para meu

túmulo e deixe sua voz ser ouvida, desperte meu corpo e, quando ressuscitado, conduza-o para o grupo escolhido’.

Um bom resumo das três etapas da vida humana consta na liturgia da União da Prússia Antiga [Igreja] de 1895 e um mais recente contém o formulário a ser utilizado nos funerais: ‘Como agradou ao Deus Todo Poderoso chamar nossos irmãos (irmãs) desta vida (1ª Etapa), recebemos sua alma nas graças de Deus (2ª Etapa) e repousamos seu corpo na terra de Deus – na esperança da ressurreição para a vida eterna por nosso Senhor Jesus Cristo (3ª Etapa)’.

Esse último ponto mencionado se aplica a todos nós, semelhante a Jesus, que ‘*ressuscitou ao terceiro dia dos mortos*’. Por fim, o mundo inteiro será transfigurado em um novo céu e uma nova terra (II Pe 3:13; Ap 21:1).

A passagem da primeira etapa para a segunda é chamada de ‘*morte*’. Naturalmente, é contrária aos sentimentos do homem. É tolerada mais ou menos com resignação em dor silenciosa ou lamento clamoroso como o bebê que chora no nascimento ao deixar o ventre protetor da mãe.

Isso é compreensível: deixar sua moradia, mesmo se for somente uma ‘cabana’, é desconfortável como qualquer um sabe em se tratando de mudanças. Colocar nossa vestimenta é também um pouco de problema. Da mesma forma, morrer e nascer estão por natureza associados ao desconforto, não apenas pelo falecimento, mas também pelo conceito que se tem.

Você não pode entender o desejo de ser ‘*revestido*’ (*überkleidet*) sem tirar as outras roupas e ‘que o perecível seria engolido na nova vida’ sem definir nossos desejos, a cabana, o hábito da vida? (II Cor 5:4; I Cor 15:51-53). De acordo com as Escrituras Sagradas, Enoque (Gen 5:24; Heb 11:5) e Elias (II Reis 2:11) foram levados ao reino de Deus sem viver a morte. Cada cristão quase não se atreve a compartilhar a esperança para tal desígnio especial, mas cada um gostaria de pertencer àqueles que vivenciarão o retorno de Deus nesta vida e seriam imediatamente ‘revestidos’ sem serem despedidos antes. O Apóstolo Paulo antecipou o fato com grande anseio (II Cor 5:1-4; I Cor 15:51-53), segundo as Escrituras Sagradas. Aquele que testemunha essas coisas diz: ‘Certamente, venho sem demora’ (Ap 22:20) e responde com um pedido: ‘Amém! Vem, Senhor Jesus!’ (Ap 22:20).

Entretanto, quem não for chamado para essa passagem imediata não estará longe daqueles que estão (I Tess 4:15). Para a morte, mesmo parecendo ser um fim para a

vida inteira, é somente uma entrega das nossas fraquezas e imperfeições (Rom 7:24) e é a porta de entrada para um estado completo do ser; morrer não é mais nada do que 'ir para casa' (II Cor 5:8).

E sobre o grão de trigo? (cf. I Cor 15:36-38). Não parece estar morto e enterrado enquanto está sendo semeado? Porém, é mera aparência. Na realidade, o milho cresce e brota e as forças da vida escondida se agitam dentro dele até surgir em uma forma de vida mais rica do que antes. 'Com muito pesar, confiamos a semente ainda mais preciosa às mãos da terra que, dos túmulos, pode florescer muito mais feliz' (Schiller).

Do ponto de vista cristão, é melhor utilizar a palavra 'acreditar' do que 'esperar': é a certeza a respeito do que não se vê (Heb 11:1). Portanto, a lamentação pode perder sua característica mais penosa.

As duas parábolas de nascer e semear nos lembrará que a morte parece ser um evento catastrófico, pelo menos para aquele que ainda não a viveu. E isso inclui toda a humanidade deste mundo. No entanto, quem fosse capaz de considerar a morte em termos de retrospectiva talvez acharia que não é uma catástrofe e não é quase tão forçada quanto parecia! Em II Cor 5:1 ff., Paulo compara a morte à troca de roupas ou de cabana, dando uma boa imagem: na retrospectiva, descobrimos que, quando a alma sai do nosso corpo, pode não ser mais desconfortável do que tirar o casaco ou a roupa, o que talvez fosse bem incômodo e tão insignificante e agora nos sentimos muito melhores.

Provavelmente, será como se saíssemos da nossa cabana ou de outro edifício e agora andássemos a passos largos para a natureza bela e livre. Ou como se saíssemos da sala estreita com janelas embaçadas para a sala ampla e iluminada com visões livres. E é, em qualquer caso, uma grande melhora.

A passagem da segunda para a terceira etapa da vida é a 'ressurreição', a 'ressurreição da carne' (ou corpo) refletida no terceiro artigo do Credo Apostólico. Significa a redenção do nosso corpo (Rm 8:23). Não temos informações de saber como a ascensão de Cristo ocorrerá, pois não podemos imaginar como Ele apareceu cedo naquela manhã de Páscoa. Todavia, um aspecto é firme na nossa fé, de que 'Cristo ressuscitou dos mortos e tornou-se as primícias dos que dormem. Nele tudo se tornará vivo' (I Cor 15:20, 22; 6:14; II Cor 4:14). E 'todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do

corpo' (II Cor 5:9,10). Aludimos a esse ponto no Credo: Jesus '*subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso, de onde há de vir e julgar os vivos e os mortos*'.

## 16. O DOMINGO, FERIADO SECULAR, 1947

### Análise do 10º Parágrafo da Minuta da Constituição

O domingo sem trabalho não é, de modo algum, uma conquista de origem cristã. É claro que a religião judaica tem um dia sem trabalho, mas não foi o domingo; foi o tão conhecido Shabat. Os cristãos o guardaram enquanto viviam nas comunidades judaicas. Porém, esse era o caso somente na pequena Palestina e também por algumas décadas. A maioria dos Cristãos era romana e não apresentava motivos para guardar um feriado judaico. E não havia nenhum outro dia semanal romano de descanso do trabalho. Pelo menos, não nos primórdios. Esse dia foi alterado no ano 321 do nosso tempo: o domingo foi introduzido como um dia livre de trabalho no Império Romano e, assim, é definitivamente uma instituição governamental e secular.

E, até hoje, são estes os nomes seculares: Domingo é o dia do sol (os romanos já nomearam os sete dias da semana após os sete planetas): Domingo – dia do Sol; Segunda – dia da Lua; Terça – dia de Marte; Quarta – dia de Mercúrio; Quinta – dia de Júpiter; Sexta – dia de Vênus; Sábado - dia de Saturno. Como nós, seres humanos, reconhecemos o sol com o maior fenômeno celestial e sua importância eminente para toda a vida na terra, faz sentido dar ao domingo esse lugar muito especial entre os dias da semana. Algo mais precisa ser considerado: como o sol foi reverenciado em muitas religiões, o domingo tinha, desde o início, um tipo de marca religiosa, isto é, marca pagã. Não é de se admirar: o Imperador *Constantino*, que aprovou a lei do domingo, foi pagão durante toda a sua vida até morrer.

É, no entanto, claro que os cristãos se beneficiavam muito desse dia. Eles poderiam ter trabalhos na igreja muito mais elaborados do que antes. Portanto, para eles, o domingo foi uma 'doação *Constantinii*' verdadeira, um presente de *Constantino*.

Em resumo, o domingo foi uma instituição do estado, independentemente de religião e confissão. Hoje é ainda a mesma coisa. Consulte a Constituição da República de Wei-

mar, datada de 11 de agosto de 1919, segunda parte, terceira seção, artigo 139 'o Domingo [...] como um dia de descanso do trabalho, é protegido por lei'. A implementação do dia de descanso é também um fruto da luta dos trabalhadores pelo seu direito. O domingo era e é hoje considerado um benefício para os cristãos. Tal aspecto é indicado pelo artigo 139, na parte da seção de religiões e igrejas.

De real interesse é a minuta da Constituição da República Democrática Alemã de 1946, preparada pelo Partido Socialista da Alemanha [SED]. No artigo 16, o descanso dominical é protegido por lei<sup>z</sup>.

Essa regra não é tanto uma resposta para as diretrizes no tocante a religiões e igrejas; são para as diretrizes que protegem

o trabalho público. O domingo é associado a outros feriados e ao primeiro de maio. Em suma: é representado definitivamente como um feriado secular, coerente com sua história.

"[...] Todos, sem qualquer diferença de confissão, crença (ou descrença) e ideologia, podem comemorar o que quiserem: no esporte e jogo, em caminhadas, com companhias agradáveis, em *hobbies* tranquilos, em idas à Igreja ou qualquer outra atividade religiosa."

Assim, o domingo não é um presente do Cristianismo ao mundo; é um presente do mundo para todos os cristãos. Todavia, o domingo não é para o seu uso exclusivo e preferencial; é para seu co-uso legal [*Mitbenutzung*], de acordo com o artigo 33 da minuta da Constituição<sup>aa</sup>.

## FONTES REFERENCIAIS DE TRADUÇÃO

1. Bio-Ethics, 1927. Bio-Ethik. Eine Umschau über die ethischen Beziehungen des Menschen zu Tier und Pflanze. Kosmos. Handweiser für Naturfreunde 1927, 24(1): 2-4
2. Death and the Animals, 1928. Der Tod und die Tiere. Eine Betrachtung zum 5. Gebot, Mut und Kraft, Halle 1928, 5(1): 5-6
3. Animal Protection and Ethics, 1928. Tierschutz und Ethik in ihren Beziehungen zueinander. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. Organ des 'Ethikbundes' 1928, 4(6/7): 100-102
4. Social and Sexual Ethics in the Daily Press, 1928. Soziale und sexuelle Ethik in der Tageszeitung. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. Organ des 'Ethikbundes' 1928, 4(10/11): 149-150
5. Ways to Sexual Ethics, 1928. Wege zum sexuellen Ethos. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. Organ des 'Ethikbundes' 1928, 4(10/11): 161-163
6. Egoism and Altruism: Opposition and Alliance, 1929. Zwei ethische Grundprobleme in ihrem Gegensatz und in ihrer Vereinigung im sozialen Leben. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik 1929, 6: 341-346
7. Character Dictate or Freedom of Thought?, 1930. Gesinnungsdiktatur oder Gedankenfreiheit? Gedanken über eine liberale Gestaltung des Gesinnungsunterrichts. Die neue Erziehung. Monatsschrift für entschiedene Schulreform und freiheitliche Schulpolitik, 1930, 12: 200-202
8. Our Doubts about God, 1933. Unsere Zweifel an Gott. Subjektive Gedanken beim Thema eines Anderen (Nr. 1, Jg. X der 'Ethik'). Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. 1933, 10: 115-116
9. Three Studies of the Fifth Commandment, 1934. Drei Studien zum 5. Gebot. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. 1934, 11: 183-187
10. Faith in the Hereafter and Ethics in Christianity, 1934. Jenseitsglaube und Ethik im Christentum. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik 1934, 11: 217-218
11. The Ethical-Social Importance of the Sunday, 1934. Die sittlich-soziale Bedeutung des Sonntags. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik 1934, 11: 361-363
12. Doubts about Jesus?, 1934. Zweifel an Jesus. Eine Betrachtung nach Richard Wagner's 'Parsifal'. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik 1934, 11: 363-364
13. Ethical Reflections on inner-church Quarrels, 1935. Ethische Betrachtungen zu innerkirchlichen Glaubenskämpfen. Ethik. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. Organ des Ethikbundes 1935, 12: 58-61
14. Faith and Works: Opposition and Alliance, 1935. Glauben und Werke in ihrem Gegensatz und in ihrer Vereinigung. Ethik. Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik. Organ des Ethikbundes, 1935, 12: 260-265
15. Three Stages in Life, 1938. Drei Abschnitte des Lebens nach 2. Korinther. Nach dem Gesetz und Zeugnis. Monatsschrift des Bibelbundes 1938, 38: 182-188
16. The Sunday – a Secular Holiday, 1947 Der Sonntag – ein weltlicher Feiertag. Eine Betrachtung zu Artikel 10 des Verfassungsentwurfs. Theoretische Zeitschrift des wissenschaftlichen Sozialismus 1947, 2(6):607-608

z. Minuta da Constituição, artigo 16: [...] 'O domingo, outros feriados e o dia 01 de maio são dias de descanso e protegidos por lei [...]'].

aa. Minuta da Constituição, artigo 33: 'A liberdade de crença e consciência e a prática tranquila da religião são protegidas pela República [...]'].

# Pós-escrito

*Postscript*

*Posdata*

Hans-Martin Sass\*

## O PAI DA BIOÉTICA MODERNA (1895-1953)

Fritz Jahr inventou o termo BIOÉTICA em um Editorial de 1927 da principal revista alemã de ciências naturais ‘Kosmos’ e desenvolveu sua visão de Bioética Integradora e um Imperativo Bioético universal em poucas revistas não difundidas. É extraordinário o fato de uma revista científica prestigiada e bem estabelecida, comparada hoje apenas à reputação da ‘Natureza’ e ‘Ciência’, aceitar um artigo de um pastor protestante desconhecido, que nunca tinha publicado antes – só nos méritos de seu conceito inovador de uma nova disciplina acadêmica integradora e um Imperativo Bioético rico em conteúdo que substituíram o Imperativo Categórico formal de Kant.

Jahr teve problemas de saúde na maior parte de sua vida. Essa é uma das razões de sua obra não conter não mais do que alguns artigos publicados na tradução inglesa desta brochura. As obras de Jahr não exerceram nenhuma influência imediata durante sua vida. Porém, no século XXI, ao longo dos últimos anos, o interesse internacional por suas obras de bioética e ética cresceu rapidamente. O pastor protestante, filósofo e educador de *Halle an der Saale* estende o Imperativo Categórico de Kant para todas as formas de vida, em seu artigo intitulado “Bioética: uma Análise das Relações Éticas dos Seres Humanos com Animais e Plantas’ e o ‘Imperativo Bioético’”. Ele também modifica a estrutura categórica inflexível do modelo de Kant em um modelo pragmático e situacional de equilíbrio dos princípios morais, obrigações, direitos e visões: ‘Respeite cada ser vivo por questão de princípios e trate-o, se possível, como tal!’.

A década de 20 foi um momento difícil em termos políticos, econômicos e culturais na Alemanha e Europa. A Grande Depressão começava e os Nazistas estavam no processo de assumir a política, a sociedade e a opinião pública. Naquela época, 85 anos atrás, Jahr torna claro que o conceito, cultura e missão da bioética estão com a

humanidade, talvez, desde os tempos pré-históricos e não foi herança de uma cultura ou de apenas um continente: o respeito ao mundo da *vida*, aos seres humanos, às plantas, aos animais, ao ambiente natural e social e à terra, a reverência taoísta à natureza, a compaixão budista com todas as formas de sofrimento da vida, o chamado de São Francisco de Assis para a irmandade e fraternidade com as plantas e os animais, a filosofia de Albert Schweitzer do respeito por todas as formas de vida para apoiar suas missões médicas na África são exemplos primordiais da profunda compaixão humana com a vida inanimada e do comprometimento humano em respeitar outras formas de vida.

Jahr, ao analisar novos conhecimentos fisiológicos de seu tempo e os desafios morais associados com o desenvolvimento das sociedades seculares e pluralistas, redefine as obrigações morais com as formas de vida humanas e inanimadas e descreve o conceito de Bioética como disciplina acadêmica, virtude e princípio fundamental cultural e moral. Ele argumenta que a nova ciência e a nova tecnologia exigem novos objetivos e reflexões éticas e filosóficas; assim, ele requer a criação de terminologias novas e claras, a definição de campos na área de humanidades e as visões normativas e práticas da Bioética e suas subdisciplinas.

A vida e a carreira do Pastor Jahr não apresentaram acontecimentos significativos. Ele viveu a vida inteira no mesmo apartamento em *Albert-Schmidt-Strasse 8, Halle an der Saale*, em um bairro de classe operária onde cresceu. Cuidou de seu pai idoso maníaco-depressivo por muitos anos. Depois se casou e cuidou de sua esposa, que ficou confinada a uma cadeira de rodas nos últimos anos de vida, aposentando-se precoce aos 37 anos e vivendo em más condições até falecer com 58 anos. Ficou desempregado por motivos de saúde em 1928 e 1929, período muito depressivo para ele. Com medo da vertigem, desde 1927, tomou, de forma rotineira, medicamentos contendo brometo, antes de subir ao púlpito. Após sua aposentadoria, pediu outro emprego na Igreja para atuar na

\* Professor emérito de Filosofia da Universidade de Ruhr, Bochum, Alemanha. Bolsista Sênior de Pesquisa do Instituto Kennedy de Ética da Universidade de Georgetown, Washington, DC.

assessoria de imprensa ou investigação da ética, mas não encontrou apoio nem incentivo; enviou uma carta – cujo teor era a solicitação de bolsa de ensino e a alusão de que devia cuidar de sua esposa parálitica e ambos viviam de aluguel de míseros 84 marcos alemães – ao reitor da Universidade de Halle em 1946, porém não foi respondida. No outono daquele ano, com outros pastores protestantes, assinou uma declaração pública [Freiheit, 46, Outubro de 1946] para votar no partido político SED, recém-formado pelos antigos Socialistas e Comunistas para a primeira votação eleitoral na antiga Alemanha Oriental: ‘Como Ministros Protestantes, convocamos o seguinte: tome decisões políticas com base em sua fé! Ajude na promoção da justiça social e no verdadeiro comprometimento com a paz em nosso país!’. Depois de muitos anos de terror nazista, todas as esperanças na Alemanha Oriental e Ocidental eram alternativas democráticas e morais. Jahr se impressionou bastante com a minuta da Constituição da República Democrática da Alemanha [DDR] que garantia e protegia a liberdade da fé e consciência, como seu artigo embaixador na revista ‘Rinheit’ do SED mostra. Entretanto, muitas esperanças de Jahr e outros clérigos, que já tiveram de viver sob o regime nazista, foram, infelizmente, em vão, pois sofreram a infelicidade de viver sob a política estalinista do partido SED; esse fato deve ter sido uma profunda desilusão e decepção para o Pastor Fritz Jahr e os outros.

## ENSAIO SOBRE BIOÉTICA E ÉTICA

O agora famoso artigo de Jahr ‘*Bioética. Analisando as Relações Éticas dos Seres Humanos com Animais e Plantas, 1927*’ [Bio-Ethik. Eine Umschau über die ethischen Beziehungen des Menschen zu Tier und Pflanze] foi originalmente um Editorial da principal revista científica alemã *Kosmos* [Handweise für Naturfreunde und Zentralblatt für das naturwissenschaftliche Bildungs- und Sammelwesen, Stuttgart]. Aqui ele discute os resultados mais recentes dos estudos sobre neurofisiologia e psicologia das plantas e animais e apresenta a Bioética como nova disciplina acadêmica e nova atitude moral correspondente com o termo Biopsicologia, usado pelo filósofo e psicólogo Rudolf Eisler como a ciência da alma recém-desenvolvida de todas as formas de vida. Assim, o conceito de Bioética e a origem do termo estão intimamente relacionados ao pro-

gresso do século XIX nas ciências da vida, sobretudo na fisiologia e psicologia experimental. Em 1878, Wilhelm Wundt fundou o primeiro Instituto de Pesquisa de Psicologia Experimental em Leipzig. Seu livro de 3 volumes ‘*Grundzüge der physiologischen Psychologie*’, que documentou reações neurais e fisiológicas semelhantes e atividades voltadas à sobrevivência e ao objetivo em seres humanos, animais e plantas, teve sua 6ª edição em 1908-1911. A obra ‘*Vorlesungen über die Menschen- und Tierseele*’ de 1863 de Wundt [6ª ed. 1919], ‘*Nana oder das Seelenleben der Pflanzen*’ de 1848 de Fechner e seus 2 volumes ‘*Elemente der Psychophysik*’ de 1860 foram os *best-sellers* mais lidos. Métodos e argumentos foram aperfeiçoados para superar o dualismo mecânico cartesiano corpo-alma e pesquisar os desejos voltados à vida e sobrevivência e as interações entre os ambientes e seres vivos. Apenas recentemente a neurociência e a neuroética tornaram-se de novo uma nova fronteira fascinante de pesquisa.

Para fins de clareza metodológica, em ‘*Das Wirken der Seele. Ideen zu einer organischen Psychologie*’ [1909:32], Rudolf Eisler sugeriu um novo termo que emprega novos métodos de pesquisa para ‘fatos psicológicos como fatores biológicos’: se quisermos manter a unidade da causalidade natural também no campo da matéria orgânica, temos de adicionar (não substituir) *Biopsicologia* à *Biofísica* e *Bioquímica* e reconhecer que os movimentos psíquicos inferiores ou superiores, os desejos simples e complicados, as tendências para *proteger a unidade orgânica* e os impulsos e *vontades* [Wollungen] são meios para o objetivo maior - controlar ou modificar direta ou indiretamente as ações da vida. Longe de descrever a vontade como produto dos reflexos mecânicos, os reflexos são melhor entendidos como *resíduos dos processos originais da vontade*. Eisler incluiu o termo ‘Biopsicologia’ em ‘*Wörterbuch der philosophischen Begriffe*’. A ‘*Bioética*’ tornou-se dicionário de referência apenas recentemente em um artigo de E. M. Engels in ‘*Metzler Lexikon Religion*’. O Imperativo Bioético de Jahr não é inflexível e categórico como o de Kant e nem aprecia o luxo da formalidade sem conteúdo. O Imperativo Bioético é rico em conteúdo e equilibra valores e objetivos de vida dos seres vivos em sua luta pela vida e em sua necessidade de alimento, espaço e desenvolvimento. Jahr, por outro lado, discorda, de quem ele chama, dos fanáticos budistas, que não matam até cobras venenosas porque são ‘também nossas irmãs’. É claro que tomamos decisões éticas ao matar ratos e micróbios em nossos hos-

pitais e casas; para alguns de nós, o dom de cortar flores em determinadas ocasiões faz parte da nossa cultura, mas o fato de pessoas irresponsáveis colherem flores sem cuidado e as jogarem fora é considerado incivilizado e violação imoral do Imperativo Bioético. Esforçar-se e lutar pela vida é uma parte essencial de tal; assim, a obrigação e a vontade de viver têm de ser equilibradas com o respeito à vida e ao empenho dos outros.

*A Morte e os Animais [Der Tod und die Tiere]*, de 1928, apresenta as referências da Bíblia e de pensadores filosóficos de que os animais, da mesma forma que os seres humanos, não podem morrer no final de sua existência biológica; pelo contrário, continuam a viver em um mundo espiritual juntos e conosco. Suas posições são, no entanto, mais influenciadas pelas fontes bíblicas do que pelos conceitos hindus e asiáticos de reencarnação em outras formas de vida.

*A Relação entre a Proteção e Ética aos Animais*, de 1928 [*Tierschutz und Ethik*], destaca a importância do sentimento ético, empatia, compaixão e suporte aos animais e plantas como parte das obrigações morais e sociais que os seres humanos devem uns aos outros. A ética aos animais e a ética entre os seres humanos não estão em conflito; pelo contrário: complementam-se. Apesar de Kant reservar seu imperativo moral somente para os seres humanos e mantê-lo formal, este engloba todos os seres vivos e suas interações para apresentar um imperativo flexível e pragmático, que leva em conta a luta pela vida como parte essencial de tal.

*Ética Social e Sexual na Imprensa Diária*, de 1928 [*Soziale und sexuelle Ethik in der Tagespresse*], convida os educadores e os especialistas em assuntos éticos a publicarem em revistas acadêmicas ou debaterem em seus círculos e usarem meios modernos de comunicação, sobretudo a mídia de massa, para formar pensamentos e atitudes morais e contribuir para a educação ética. Muito tempo antes, tivemos nossas discussões acadêmicas e políticas contemporâneas sobre a origem e evolução da opinião pública, porém, quando ideologias seculares e fascistas começaram a tornar a opinião pública refém no modo como fizeram os fascistas, Jahr reconhece muito claramente esse novo campo de batalha na cultura, ética e civilização da era da informação do futuro. Ética e bioética não são assuntos privados, mas pertencem à esfera pública. Portanto, o uso ativo da mídia de massa moderna é obrigação e missão

para os especialistas em ética e bioética. Quem no século XXI discordaria?

*Formas de Ética Sexual*, de 1928 [*Wege zum sexuellen Ethos*], sugere enfaticamente informar à geração dos jovens sobre fatos biológicos e fisiológicos da atividade sexual e ter uma abordagem mais ampla ao discutir questões éticas e culturais muito mais importantes relacionadas ao amor e sexo.

*Dois Problemas Morais Básicos: Oposição e Aliança*, de 1928 [*Zwei ethische Grundprobleme in ihrem Gegensatz und in ihrer Vereinigung im sozialen Leben*], se concentra em uma das questões menos abordadas na ética: o conflito entre o egoísmo e altruísmo. Como seu Imperativo Bioético reconhece e cuida de todas as formas de vida, ele indentificou a luta pela vida entre diversas formas de vida, seres humanos, plantas, animais, nos e entre biótipos e ambientes naturais e sociais, incluindo nações, empresas, comunidades, instituições e partidos – todas as formas de vida estão em competição lutando por si, mas necessitam de outros para criar redes, gerar reciprocidade e expressar compaixão. As pessoas precisam se ajudar e o fazem de maneira consciente ou compassiva; outras formas de vida agem no melhor interesse de coexistência em simbioses, biótipos e ambientes. Jahr valoriza o altruísmo e egoísmo como propriedades naturais em todas as lutas pela vida. Ele exige o uso cabível e pragmático de integrar e complementar a ajuda mútua e de apoiar uns aos outros em uma forma compassiva de raciocínio, sentimento e ação. Aproxima-se para analisar organizações sociais como seres vivos que têm suas próprias visões e objetivos para a vida e sucesso; sugere novos métodos de análise das inter-relações pessoais, sociais, profissionais e culturais no local de trabalho, tais como alas e escritórios hospitalares, clubes, partidos políticos, bairros e igrejas. Encontra, assim, uma base normativa de interação dialética integradora entre o egoísmo e altruísmo nos fatos empíricos da vida social e natural boa e bem-sucedida.

Em *Ética de Caráter ou Liberdade de Pensamento?*, de 1930 [*Gesinnungsdiktatur oder Gedankenfreiheit? Gedanken über eine liberale Gestaltung des Gesinnungsunterrichts*], Jahr se envolve bravamente em um crescente debate sobre modos e modelos de formação e educação do caráter. Os antigos modelos de doutrinação paternalista dos tempos imperiais foram usados de novo por grupos fascistas de direita e esquerda para fins de doutrinação na República de Weimar. Ele oferece suporte ao modelo de

parceria pedagógica interativa da informação e do discurso na sala de aula, ao respeito pelos valores individuais e ao discurso moral interativo indireto [*Arbeitsunterricht*]. A revista '*Die neue Erziehung. Monatsschrift für entschiedene Schulreform und freiheitliche Schulpolitik*' teve de parar de ser publicada em 1934, quando a política e a ideologia nazistas tornaram-se dominantes em todas as áreas da vida. Os dez conselhos de Jahr quanto ao ensino interativo baseado em valores liberais não parecem ser menos válidos hoje. Reconhecendo as diferenças culturais e individuais em termos de pensamento, convicção e atitudes, o discurso interativo e abordagem de ensino são ainda mais justificados hoje nas dimensões internacionais e interculturais mais amplas de bioética e ética.

*Nossas Dúvidas sobre Deus*, de 1933 [*Unsere Zweifel an Gott*], é a resposta a um artigo anterior da revista '*Ethik*' e destaca a relevância prática de uma 'religião de amor' e compaixão e a relatividade dos conhecimentos científicos e religiosos; tal relevância e relatividade não estão embaçadas como seus seguidores acreditavam.

*Três Estudos sobre o Quinto Mandamento*, de 1934 [*Drei Studien zum fünften Gebot*], apresenta o Imperativo Bioético em uma perspectiva abrangente, incluindo obrigações de saúde individual e obrigações de saúde pública, e o posiciona nos desafios reais de seu tempo e na visão mais ampla da bioética global, universal e integrada. Em termos metódicos, Jahr usa uma regra de 2500 anos, dada a um grupo de tribos nômades nos desertos da Península Arábica para delinear hermeneuticamente três desafios modernos e reais do Imperativo Bioético de seu tempo. Lidando com a tradição da maneira como faz, ele pode alertar professores e escritores contemporâneos de bioética quanto à riqueza oculta de valores, virtudes e princípios de nossas tradições. Estas podem ser trazidas para o bom uso hoje ainda mais, quando a literatura de bioética mal cita referências de menos de 5 ou 10 anos, imitando, assim, as atitudes da publicação das ciências naturais que são necessárias para o benefício da aplicação e linha de pensamento bioéticas. Embora alguns desafios em bioética e ética fossem novos e específicos, a visão para o futuro pode muito bem ser definida na hermenêutica de textos clássicos antigos de várias tradições e culturas, como é exemplificado por Jahr.

*Fé no Futuro e Ética no Cristianismo*, de 1934 [*Jenseitsglaube und Ethik im Christentum. Eine nachoesterliche Betrachtung*], delinea a inter-relação entre as ações ativas

e a fé, sugerindo que a convicção moral e o trabalho moral podem ser o modo de também entender e aceitar a crença em um mundo vindouro, uma vida que integra a existência física e espiritual.

*A Importância Ético-Social do Domingo* [*Die sittlich-soziale Bedeutung des Sonntags*], de 1934, expande a noção bíblica do dia de descanso dado por Deus para o conceito cultural e social mais amplo de descanso para todas as formas de vida e de lazer e meditação para os seres humanos, independentemente de sua religião.

*Dúvidas sobre Jesus?* [*Zweifel an Jesus?*], de 1934, é uma reflexão e meditação sobre a ópera '*Parsifal*' de Richard Wagner. Compaixão é a virtude e o princípio dominante para compreender, adquirir conhecimento e viver e sobreviver, os meios e o objetivo de aprender.

*Reflexões Éticas sobre as Controvérsias dentro da Igreja* [*Ethische Betrachtungen zu innerkirchlichen Glaubenskämpfen*], de 1935, é uma forte crítica às controvérsias ideológicas dentro de igrejas e entre denominações e religiões diferentes. Jahr argumenta que a compaixão e as ações morais são as expressões mais fundamentais e práticas de uma verdadeira fé e que a controvérsia interna dentro da igreja não é compatível com a ética cristã. Jahr iria encontrar exemplos para sua crítica no século XXI. Em de 1935, a luta entre os 'Cristãos Alemães' [*Deutsche Christen*], que estavam perto dos nazistas e do movimento fascista, e a 'Igreja Confessional' [*Bekennende Kirche*], pautada tradicionalmente pela crença e trabalho, atingiram o primeiro auge de confronto; Jahr tenta se prevalecer sobre ambos, enfatizando os motivos comuns e as deficiências humanas.

*Fé e Obras. Oposição e Aliança* [*Glaube und Werke in ihrem Gegensatz und in ihrer Vereinigung*], 1935, apresenta uma interpretação utilitária do Imperativo Categórico de Kant. Jahr descreve uma interdependência dialética semelhante de acreditar e fazer o que fez em seu artigo sobre egoísmo e altruísmo. Ele valoriza Schleiermacher como o teólogo moderno mais importante e manifesta a esperança de que católicos e protestantes vão em direção a um 'Cristianismo de vida e trabalho', superando contradições e conflitos anteriores.

*Três Etapas na Vida* [*Drei Abschnitte des Lebens*], de 1938, demonstra a influência da tradição teológica e espiritual (Comenius) e da ciência moderna (Fechner) sobre o conceito de vida de Jahr como continuidade, integração e modificação. Alguns anos atrás, em 'Vida após a Morte'

(Vom Leben nach dem Tode. Aus J. A. Comenius, 'Didactica Magna' zusammengestellt. *Ethik. Sexual- und Gesellschaftsethik*), Jahr apresentou, sem muita interpretação, uma citação longa do principal trabalho pedagógico do visionário Comenius 'Didactica Magna', exemplificando esse entendimento espiritual integrador da vida: 'a vida é constituída de três partes e a casa da vida é preparada para cada um de nós: o ventre materno, a terra, o céu (...) em primeiro lugar, apenas recebemos vida com movimento e início de consciência; em segundo lugar, a vida, movimento e conhecimento em seus primórdios; em terceiro lugar, a abundância ilimitada de tudo'. Não é só no Cristianismo e em outras religiões monoteístas – mas também na Ásia e outras tradições espirituais – que o conceito de vida é muito mais amplo e mais integrador e abrangente do que a vida individual entre o nascimento e a morte. Tal conceito de vida e bioética abrangente e inclusivo não representa a corrente principal da bioética contemporânea, mas a maioria dos futuros especialistas em bioética o veria de forma diferente e apreciaria a inclusão ampla e integradora do Pastor Jahr das formas de vida espirituais e invisíveis. A história cultural e espiritual tem vida própria, assim como nós, indivíduos, temos nossa idade, prazos de validade e mudanças de entendimentos quanto às interações e ambientes.

*O Domingo, Feriado Secular [Der Sonntag – ein weltlicher Feiertag]*, de 1947, pega o artigo anterior de 1934 sobre a relevância ético-social do domingo como feriado, mas Jahr agora enfatiza ainda mais a importância transreligiosa e transcultural de um feriado para recuperação, recreação e reflexão. A mudança de foco, não de conteúdo, de ambos os artigos demonstra a ênfase bioética do Pastor Jahr para além de qualquer tradição religiosa.

## **AS MUITAS FACETAS E CORES DO IMPERATIVO BIOÉTICO**

A visão de Jahr enfoca o conceito do Imperativo Bioético. Ele analisa o impacto da ciência e tecnologia sobre a ética humana que pode orientar o estudo sistemático da conduta humana nas áreas das ciências da vida e do compromisso e atitude moral pública, pessoal e profissional com todas as formas de vida, bem como examina novos conhecimentos e postura e comprometimento relacionados, à luz dos princípios e valores morais tradicionais. Por

consequente, a visão da bioética é uma nova disciplina, um princípio e uma virtude – tudo em discussão estreita com Kant, que expande e modifica o Imperativo Categórico formal visando ao Imperativo Bioético baseado no conteúdo mais abrangente, abarcador e integrador. O Imperativo Bioético tem de levar a luta pela vida a sério e como questão central de vida. A luta pela vida é uma expressão essencial de todas as formas de vida.

1. Uma nova Disciplina Acadêmica: O Imperativo Bioético é um resultado necessário da linha de pensamento moral da área de Humanas, com base na fisiologia e psicologia empíricas dos seres humanos, plantas e animais. Como tal, precisa ser desenvolvido para educar e nortear as atitudes coletivas e individuais morais e culturais e exige novas responsabilidades e respeito com todas as formas de vida. A 'Santidade da Vida' é a base do Imperativo Bioético de 1927 de Jahr, enquanto Kant nomeou a 'Santidade da Lei Moral' em 1788 como a base do Imperativo Categórico: 'A lei moral é sagrada (inviolável). A pessoa não é sagrada, mas a humanidade em seu lugar deve ser reconhecida como sagrada. Tudo em toda a criação, se alguém quiser e tiver poder sobre tal, pode ser usado apenas como meio; só o ser humano e, com ele, todos os seres inteligentes são *um fim em si mesmos*. Ele é o tema da lei moral, que é sagrada, com base na autonomia da sua vontade' [Kant: A156]. É interessante perceber como Jahr cita bem novas publicações científicas ao desenvolver uma resposta ética às informações científicas mais recentes.

2. Uma nova Ética de Virtude integradora e fundamental: o Imperativo Bioético baseia-se nas evidências históricas e outros indícios de que 'a compaixão é um fenômeno empírico estabelecido da alma humana'. Há, no entanto, 'amor errado' e 'amor verdadeiro'. A senhora idosa que engorda seu poodle enquanto deixa os colegas de serviço sofrerem demonstra amor e compaixão falsos, semelhantes àqueles que praticam corrupção, favoritismo e transações desleais com os irmãos. Além disso, não existe nenhum conflito entre a compaixão com todas as formas de vida e a compaixão com os irmãos. Jahr argumenta que a proteção aos animais tem efeito positivo sobre o comportamento ético com os seres humanos, educação popular e educação pública e que mesmo aqueles, que não aceitam a linha de pensamento bioética, devem aprovar a proteção aos animais como parte de uma cultura de comportamento civilizado e moral entre os seres humanos.

3. Um novo Princípio da Regra de Ouro: o Imperativo Bioético reforça e complementa os deveres e o reconhecimento morais com os irmãos no contexto kantiano e tem de ser seguido em relação à cultura humana e obrigações morais mútuas entre os seres humanos. No entanto, o Imperativo Bioético, baseado na compaixão e amor, não pode se dar ao luxo kantiano de apenas ser formal. O Imperativo Bioético é rigoroso e categórico no requisito de fazer escolhas morais deliberadas, pragmáticas, situacionais e prudentes a respeito de todas as formas de vida. A regra de ouro não promove um único princípio sobre os outros; equilibra e integra princípios e virtudes, dependendo das situações e partes envolvidas.

4. Uma nova Regra de Cuidados com a Saúde Pessoal e Ética na Saúde Pública: o Imperativo Bioético inclui obrigações com o corpo e a alma de alguém enquanto ser vivo. Jahr está principalmente interessado nos aspectos mais amplos de reconhecimento e ensino das virtudes e princípios bioéticos. Assim, deveres morais com o corpo e a alma de alguém fornecem uma ponte para a ética biomédica e a ética na saúde pública no sentido moderno contemporâneo, referente às metas e visões interativas e inter-relacionadas em termos de saúde pública e pessoal e higiene e de moralidade pessoal e pública.

5. Uma nova Regra de Cuidados com a Saúde Pública e Ética: o Pastor Jahr expressa uma visão crítica e conservadora sobre as questões da saúde pública associadas às mudanças culturais e morais durante os anos 20 e 30. Indo de encontro ao *zeitgeist*, ele argumenta que cumprir as obrigações com alguém é também um dever com os outros e a saúde pública, realçando a estreita interação dos cuidados com a saúde pessoal e pública.

6. Uma nova Regra de Gestão Global e Ética: Jahr amplia o 5º Mandamento 'Não Matarás' para uma regra universal e a ética de cuidar positivamente e proativamente da saúde e da vida deste globo como parte de um cosmos vivo: 'tudo isso mostra a importância universal do 5º Mandamento, que precisa ser empregado no que diz respeito a todas as vidas. Reescrever o 5º Mandamento resulta no Imperativo Bioético: 'Respeite cada ser vivo por questão de princípios e trate-o, se possível, como tal!'.

7. Uma nova Regra de Gestão e Ética Corporativa: o Imperativo Bioético tem de reconhecer, guiar e cultivar a luta pela vida entre as formas de vida e os ambientes vivos culturais e naturais. Assim, o ambiente social precisa de atenção semelhante como biótopos naturais. Jahr

usa o termo popular *biozomose* (Wörterbuch der philosophischen Begriffe). O termo foi definido por R. H. France para ambientes vivos. Porém, no modelo bioético de Jahr de interação de formas de vida em ambientes vivos (incluindo ambientes naturais, sociais, econômicos e políticos), abrange instituições sociais, tais como instituições ligadas aos cuidados com a saúde. Jahr não elaborou em detalhes desses tipos de formas de vida, que consistem em indivíduos e grupos cujo interesse se centraliza na vida, no sucesso, no reconhecimento e na sobrevivência. Eles irão desenvolver a própria ética de identidade pessoal, corporativa ou institucional e a atitude como bom ou mau vizinho corporativo. O Imperativo Bioético universal também pode ser detalhado nas áreas especializadas da ética de cuidados, tais como os metabolismos internos das enfermarias hospitalares e as instituições semelhantes de serviços e produções. As instituições das diversas áreas da interação de cuidados com a saúde servem, competem e lutam com outras vidas institucionais e têm as próprias normas internas e pessoas, que, em várias capacidades, fazem parte dessas instituições. Para Jahr, a bioética e a ética ambiental, a ética terrestre, a ética corporativa e institucional e a ética social e sexual devem seguir os mesmos princípios e virtudes de responsabilidade e respeito com as formas naturais de vida e formas de vida criadas por seres humanos.

8. Uma nova Regra de Terminologia e Ética Terminológica: há outra visão que podemos obter a partir da linha de pensamento de Jahr: a necessidade de ter uma terminologia clara e precisa. Ele inventou o termo *Bioética* para fornecer a linha de pensamento clara e distinta, definir nosso relacionamento com as formas de vida da realidade como diferente em relação às formas inanimadas e estabelecer a gestão da ciência e tecnologia mais modernas e suas aplicações de modo moralmente responsável. Em termos profissionais e lógicos, não é correto usar um termo tão amplo como Bioética para questões mais precisas e distintas, tais como a Ética Médica. Por conseguinte, temos de definir de forma mais exata o que queremos dizer na ética clínica, ética na pesquisa clínica, ética dos cuidados com os portadores de demência, ética legal, ética política - apenas citando algumas áreas especializadas. Spinoza, em sua obra '*Ethics*', disse uma vez: '*omne esse verum quod valde clare et distincte percipio*' [somente é verdade o que percebemos claramente e distintamente] e Wittgenstein adicionaria 'se você não pode falar, fique

em silêncio'. A terminologia obscura leva a investigações, metas e ações vagas – não só nas Ciências, mas na área de Humanas, incluindo a Ética. Se a ética e as atitudes cotidianas puderem absorver algo da ciência, a definição precisa é uma prioridade e pré-condição para o trabalho conceitual e prático claro, a comunicação, a cooperação e o desenvolvimento.

9. Uma nova Regra e Ética de Diferenciação: ao inventar o termo Bioética, Jahr seguiu a diferenciação da terminologia da ciência mais moderna, psicologia e, principalmente, fisiologia, que desenvolveu o termo *Biopsiologia* – que não está mais em uso hoje – para analisar as formas de natureza viva a partir de outras formas de natureza inanimada. A terminologia obscura leva à ação e linha de raciocínio vagas; é uma expressão de pensamento incerto. Existem termos diferentes disponíveis para temas, campos e questões diferentes: bioética, ética médica, ética de cuidados paliativos, ética de política de saúde, ética hospitalar, ética biomédica, ética de pesquisa clínica, ética do médico, ética de enfermagem, ética de cuidados com a saúde, ética de saúde pública, ética de prevenção, ética genética, ética de consulta, ética ambiental, ética ao animal, ética global – só para citar alguns.

10. Uma Nova Regra de Interação e Regra de Integração na Ética: para Jahr, a ética ao animal e a ética social são campos diferentes, mas se interagem e se integram, trazendo formas e tons diferentes do Imperativo Bioético e descrevendo a multiplicidade de obrigações éticas no século XXI; umas recíprocas entre os seres humanos, umas mais ou menos paternalistas/maternalistas em termos

de cuidado compassivo e profissional com os mais frágeis e incompetentes, umas têm plantas e animais como cocriaturas; outras atenuam ou criam ambientes sociais e naturais como *habitats* humanos, mesmo em *geos* como uma entidade viva. Essas obrigações e oportunidades morais irão e devem se sobrepor e interagir em modelos éticos, filosóficos e culturais diferentes de ética pessoal, profissional ou institucional, de ética médica, incluindo prevenção, tratamento, cuidados e pesquisa, da bioética que abrange o respeito e deveres com todas as formas de vida e de ética ambiental que aceita a responsabilidade pelo ambiente natural e manipulado pelo homem e sua sobrevivência e saúde sustentáveis. Um novo campo de geoética já é visível e aplica razão e responsabilidade em resposta às mudanças globais naturais ou provocadas pelo homem para proteger e promover as vidas e culturas humanas no tocante aos ambientes e instituições. Os recentes terremotos, tsunamis e desastres nucleares nos remetem ao fato de que a terra é, na verdade, um ser vivo e precisa ser tratada como tal, ou seja, respeitada, se não por ela, mas, pelo menos, para o nosso próprio interesse. Assim, Jahr já tem uma compreensão dos modelos individuais, cooperativos, conflitantes e coletivos do 'desejo pela vida', incluindo a resistência ou ânsia por mudança e a sugestão de novos métodos de estudo, projeto e administração de ambientes e organizações. Nada mais é necessário para a especialização e *ethos* de ética ambiental, ética terrestre e ética de responsabilidade global em éticas institucionais, corporativas e pessoais do que uma aplicação cabível, prudente, integradora e universal do Imperativo Bioético.

Recebido em: 21 de abril de 2011.  
Aprovado em: 30 de maio de 2011.